



*Poetas de Brasília
premiados em
concurso nacional*

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII Nº 103/110
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Impresso
442 20033 DP-858
CÂMARA
LEGISLATIVA
...CORREIOS...



Parque Nacional de Brasília

A vida preservada pela natureza

Câmara Legislativa do Distrito Federal

Benício Tavares

Presidente

Jim Argello

Vice-Presidente

Paulo Tadeu

1º Secretário

Eliana Pedrosa

2º Secretário

Jorge Cauhy

3º Secretário

Editor: Ivan Carvalho. **Coordenador:** João Carlos Taveira.

Conselho Editorial: Alex Cojurian, Augusto Estellita Lins, Clovis Sena, Flávio Kothe, José Santiago Naud, Luiz Manzolillo, Marcos Lisboa, Newton Rossi.

Conselho Consultivo: Affonso Heliodoro (IHG-DF), Antonio Carlos Osorio (ABrL), Branca Bakaj (ANE), José Geraldo (ALBr), José Prates (ALDF), José Simões (ATL), Júlio Capilé (AML), Mauro Castro (ALB), Wadín Arsky (ALMUB), Vitor Alegria, Heitor Andrade.

Coordenador de Editoração e Produção

Gráfica: Randal Junqueira. **Assistente da Coordenadoria:** Luiza A.

de Mendonça **Editor DF Letras:** Ivan Carvalho. **Programação**

Visual: Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Apolo Guandalini.

Fotografia: Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra, Rinaldo

Morelli, Arquivo Público do DF, SETUR e EMBRATUR. **Revisão:**

Anamaria S. Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar, José Afonso de

Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço. **Digitação:** Gilberto

Lucas. **Chefe da Seção de Editoração:** Paulo Roberto O. Chalega.

Equipe: Ana Beatriz Caçador, Antônio Eufrauzino, Claudio

Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, José Eugênio, José Rocha, Luci

Cardoso, Marcelo Perrone, Margarete de Resende, Marizete

Araújo, Nelci Stein e Oscar Monterrojas. **Chefe da Seção de**

Produção Gráfica: Armando Laurindo da Silva. **Equipe:** André

Gonzaga de Souza, Antônio A. dos Santos, Carlos A. de Macedo,

Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Francisco

Cristiano Bezerra, Glacy Antunes, Guilherme Bacalhao, Irani de S.

P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa,

José Luiz Bergamaschi, José Maria Damasceno, José Teles de

Albuquerque, Kleber Salles, Lázaro Tolentino, Liliane Oliveira,

Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Raimundo Nonato T. Carvalho,

Reinaldo Andrade e Silvio R. Fonseca.

Tiragem:

5 mil exemplares. Esta edição compreende os números 103/110, meses de janeiro a agosto de 2004. Os autores das matérias publicadas não recebem nenhum valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das matérias.

Preservação do meio ambiente

Nesta edição da Revista DF Letras, reservamos um espaço especial para falar da preservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, com uma matéria sobre o Parque Nacional de Brasília. O tema é uma das prioridades da Câmara Legislativa desde a elaboração da Lei Orgânica do Distrito Federal, que dedicou um capítulo exclusivo ao assunto. Além disso, por iniciativa dos parlamentares, a Câmara Legislativa criou uma Comissão Permanente para discutir propostas referentes às questões ambientais.

Nos últimos anos, a CLDF tem procurado atuar em parceria com a comunidade, entidades ambientalistas e órgãos governamentais, produzindo um trabalho relevante que demonstra a preocupação dos parlamentares com o futuro do ecossistema. Projetos que asseguram a preservação de áreas de nascente, que regulamentam o uso de recursos não-renováveis e combatem os abusos na degradação ambiental, entre outros, viraram leis nas últimas legislaturas.

Nossa intenção é ampliar a já expressiva atuação dos deputados, intensificando o trabalho nessa área, que não é apenas motivo de atenção hoje em todo o mundo, mas que representa a garantia de qualidade de vida para as gerações futuras. Este semestre, uma das missões da Câmara Legislativa é regulamentar a destinação do lixo no Distrito Federal. Já demos início a um trabalho conjunto e apartidário para encontrar as melhores alternativas de reciclagem e armazenamento de lixo doméstico.

Mas a Revista DF Letras não é só meio ambiente. Ela é também cultura, com ótimos artigos, contos e belas poesias, como vocês, amigos leitores, irão conferir nas próximas páginas. Aliás, o talento de nossos poetas é mais uma vez reconhecido no cenário nacional, nas figuras de Anderson Braga Horta e Newton Rossi: enquanto o primeiro foi indicado como um dos finalistas ao Prêmio Jabuti, o segundo foi classificado em primeiro lugar no Concurso Nacional de Poesia, promovido pela Editora Globo, no Rio de Janeiro, com o soneto Fim da Cavalgada. Parabéns aos poetas.

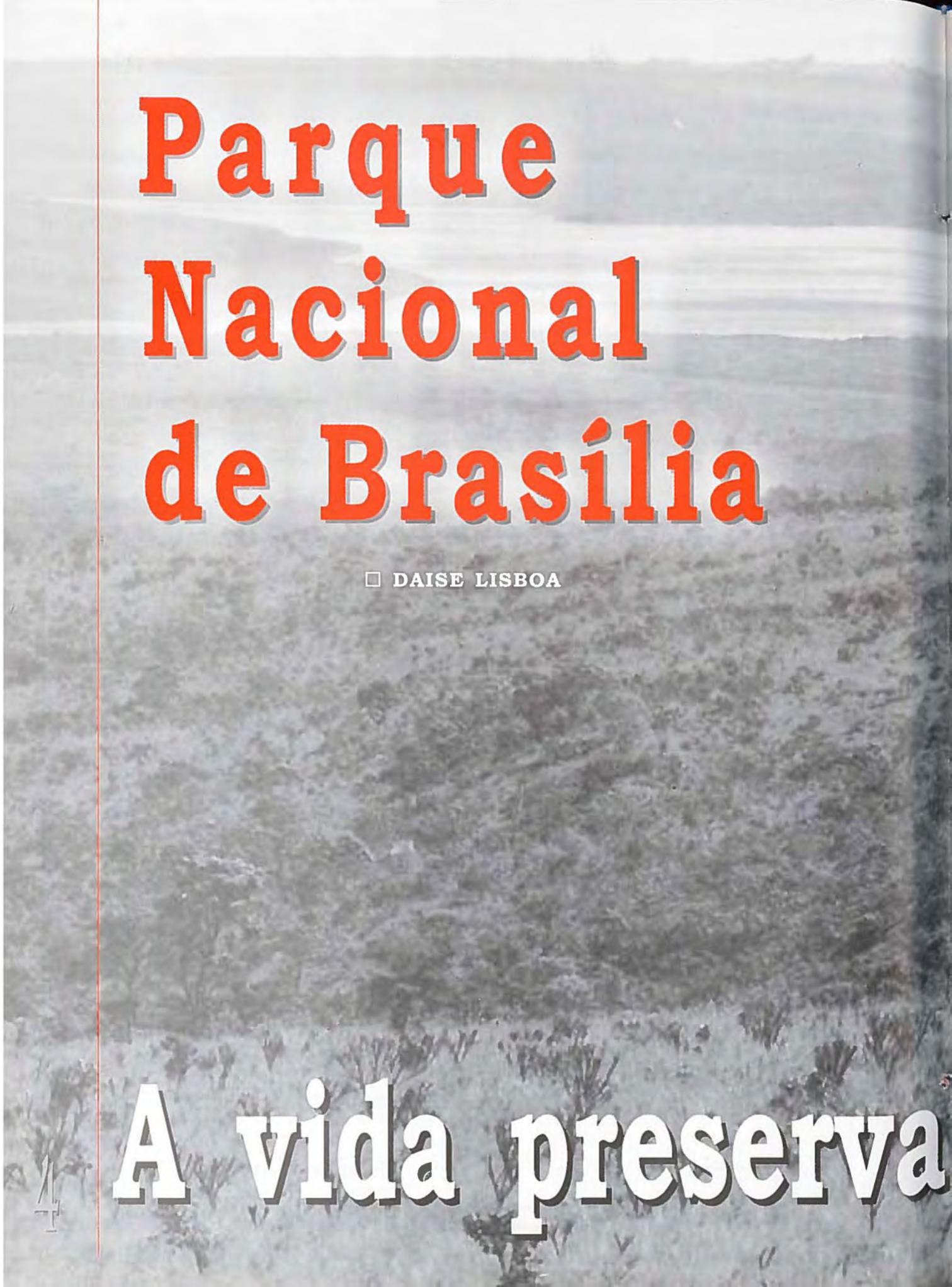
Por fim, não poderíamos deixar de registrar que, em breve, estará no ar a TV Distrital, mais um espaço à disposição da cultura do Distrito Federal.

Boa leitura.

Benício Tavares

Deputado Distrital

Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal



Parque Nacional de Brasília

□ DAISE LISBOA

A vida preserva



O cerrado esconde mistérios e belezas que poucas pessoas têm o privilégio de conhecer. Uma das maiores áreas de preservação ecológica do Distrito Federal é o Parque Nacional de Brasília (PNB), popularmente conhecido como Água Mineral. Com 30.566 hectares de área e 117 quilômetros de perímetro, seu interior guarda áreas com elementos representativos da flora e da fauna do bioma cerrado, ainda em admirável grau de preservação. Conservado e fiscalizado por 60 servidores do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), subordinado ao Ministério do Meio Ambiente, é considerado "área de segurança nacional".

da pela natureza



"O Parque Nacional de Brasília é o maior parque urbano do mundo", garante o diretor do PNB, Elmo Monteiro da Silva Júnior, mas expõe apenas parte de suas riquezas para o público brasiliense. Suas belezas e riquezas não ficam isoladas do público, mas existem delimitações. "Os limites impostos ao público têm o objetivo de preservar a natureza e garantir ao Distrito Federal melhor qualidade de vida, por meio de serviços ecossistêmicos prestados e pelas oportunidades de lazer e educação ambiental".

Sua história é longa e tem quase a idade de Brasília. O parque foi criado pelo Decreto Federal nº 241, de 29 de novembro de 1961, que garantiu a preservação de áreas naturais com características de relevância ecológica, cênica, cultural, educativa e recreativa. Em sua área estão preservadas amostras das várias manifestações fitofisionômicas desse bioma – mata de galeria, veredas, campo limpo, campo sujo e cerrado.

Para os apreciadores da flora exótica do cerrado, o parque conta com expressivo acervo de plantas como as bromélias, orquí-

O diretor do Parque Nacional, Elmo Monteiro da Silva Júnior, há nove anos dá sua contribuição para preservar e defender a flora e a fauna da região

deas e árvores como pequizeiros, paus-terra, carvoeiros, jacarandás, paus-de-papagaio, jatobás, ipês, sucupiras, angicos, cipós-imbé, além de ervas medicinais como coqueiros-camargos, canelas-de-ema e macelinhas-do-mato, entre outras.

A fauna também é diversificada, começando pelos macacos, um dos animais que mais têm contato com o público, por suas famosas e engraçadas formas de procurar alimentos junto aos visitantes. Embora seja proibido aos visitantes alimentar os animais, são os macacos os responsáveis por infringir a regra. Eles aproveitaram um descuido dos visitantes e roubam lanches, sem usar critérios. Todo lanche é valioso – de frutas e sanduíches a latas de óleos e refrigerantes.

Além de macacos, micos e sagüis de diferentes raças, o cerrado abriga também o mico-leão-

dourado – uma espécie em extinção. Há muitos mamíferos, como tamanduás (mirim e bandeira), antas, lobos-guará, capivaras, raposas, jaguatiricas, gatos-do-mato e onças (suçuaranas); aves como emas, papagaios, periquitos, jandaías, tucanos, seriemas, gralhas, pica-paus, canários-da-terra, sabiás, anuns, mutuns, joões-de-barro, tico-ticos e gaviões, que também fazem parte da fauna. Há grande variedade de répteis como: lagartos, teiús, jacarés e cobras, como cascavéis, jararacuços e coral, além de anfíbios.

Alguns aspectos do Parque Nacional de Brasília podem ser destacados, como os hidrológicos exóticos, a exemplo dos quatro buracos medindo sete metros de profundidade, compostos por vegetação de mata ciliar e riacho subterrâneo, além do peito-de-moça – nascente que desabrocha sobre uma pequena elevação, de forma semi-esférica.

A água que nasce no Parque Nacional, por sua qualidade e abundância, representa muito para a população do Distrito Federal. Pelo menos 30% dessa água, represada na Barragem de Santa Maria, abastece o DF. "Esta é uma das contribuições que o parque dá à sociedade", destaca Elmo Monteiro.

Há nove anos na direção do Parque, Elmo é formado e especializado na área de Educação e Engenharia Ambiental e mestre em Esoterismo. De cadeira, fala de fatos que beneficiam a região, como o atento trabalho de sua equipe na preservação do local, assim como aponta problemas: a proliferação do capim-gordura (natural da África e colocado na região não se sabe como, contribuiu para alastrar as queimadas

na época da seca); a reprodução de cães selvagens (invadindo o habitat dos animais característicos do cerrado, tornam-se predadores de muitos deles); o lixo na área da Estrutural (segundo Elmo Monteiro, causa potencial de prejuízos ao meio ambiente); e outros mais.

Reprodução e evolução

De acordo com o diretor do parque, os técnicos têm acompanhado algumas espécies da fauna que estão em evolução, o que tende à criação de novas famílias da espécie. Como exemplo citou grupos em reprodução - de emas com filhotes, do caítiu (porco do mato), antas e tamanduás. "Estamos fazendo nosso trabalho no que tange a manter da melhor forma possível a integridade física da unidade. Às vezes, parecemos chatos quando questiona-

mos demais determinados aspectos em torno do parque, até porque não estamos pensando só no presente, mas também no futuro", esclarece o diretor, questionando o destino das gerações futuras. Ele procura administrar da melhor forma possível o uso do solo no Distrito Federal e, mais especificamente, no entorno do Parque Nacional. "Não somos contra o progresso", reforça Elmo, referindo-se à expansão e ao desenvolvimento do DF, a passos largos.

A inserção de animais silvestres à fauna do Parque Nacional não é viável. "Não é comum, mas existem casos de pessoas que adotam animais silvestres e depois querem desfazer-se deles". Segundo o diretor, esses animais que provêm de vida doméstica passam por uma triagem e não podem ser colocados junto aos que vivem no cerrado. "Temos de

verificar e avaliar o animal, porque, se chegar um espécime contaminado por alguma doença, pode infectar os outros, provocar a morte deles e alastrar a doença", previne. Depois da avaliação, os animais podem ser encaminhados para o Jardim Zoológico, que também tem regras para recebê-los.

Estudos

A reserva ecológica recebe estudantes da Universidade de Brasília e de outras faculdades, assim como técnicos da Embrapa, que vão ao parque fazer pesquisa sobre a fauna, flora, aspectos geológicos, recursos hídricos e sobre determinadas espécies, como o capim-gordura. "Há uma pessoa trabalhando com o capim-gordura, por ser uma espécie exótica, mas invasora", esclarece Elmo. A exemplo dos animais, também não é permitido inserir outros tipos de vegetação à flora do parque. Um caso bem gritante foi a inserção do capim-gordura, provocando o alastramento da espécie, que tem trazido sérios problemas para o parque.

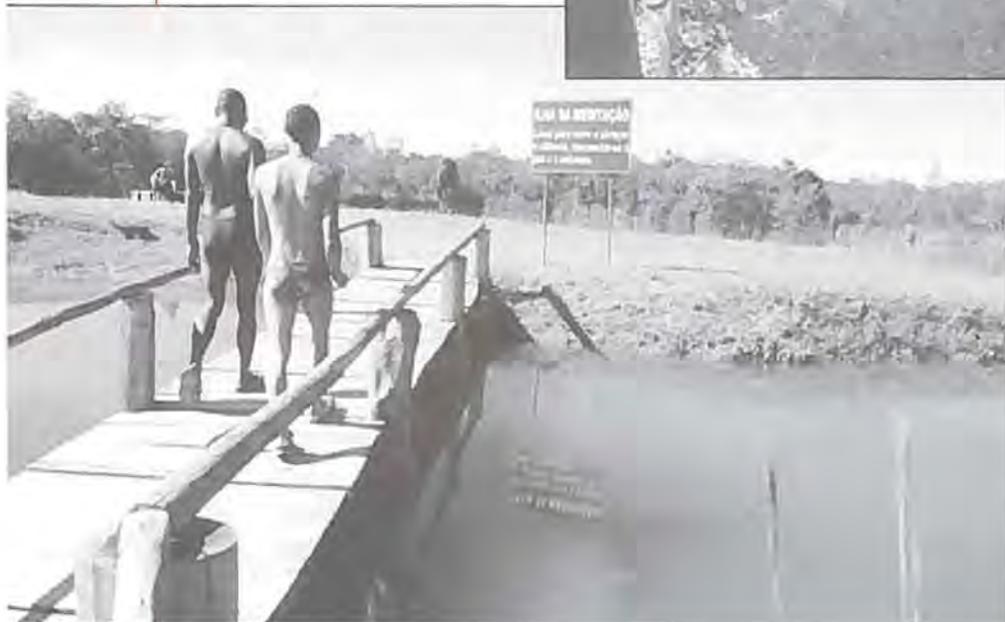
A doação de mudas de plantas também passa por uma triagem, como os animais. Faz-se um estudo para saber se a espécie é adequada para a região, examinando se ela é de alta ou baixa densidade, entre outros aspectos. "O mais correto, se a pessoa tem a intenção de doar mudas, é levá-las para o Jardim Botânico ou para o viveiro de plantas da Novacap. Elas poderão ser utilizadas em outros locais", orienta. "Aqui é



A seriema saúda os visitantes com seu canto maravilhoso e convidativo, demonstrando um pacífico convívio com os homens

Na Trilha da Capivara o público encontra um espaço ideal para fazer exercícios físicos e respirar o ar puro

A Ilha da Meditação é a fonte de inspiração e de energias positivas para quem busca a paz e a tranqüilidade



uma área de educação ambiental e pesquisa”, defende.

A invasão de espécies exóticas como o capim-gordura e o braquiária é preocupante para a equipe do PNB. “A cada ano que passa ele vem avançando e ocupando o espaço da nossa vegetação. Por isso, estamos desenvolvendo um trabalho de pesquisa, em nível de doutorado, para descobrir a melhor forma de frear esse avanço e de combatê-lo definitivamente”, esclarece.

O capim-gordura não é bem-vindo pelo fato de servir de combustível a queimadas. “Quando ele seca, se transforma. É pior que

gasolina e queima com muita facilidade”, alerta. “Na minha concepção todo bioma é necessário. E, graças a Deus, nós, brasileiros, somos privilegiados por termos esta diversidade de biomas – a Amazônia, a Mata Atlântica, a caatinga, os campos do sul e o cerrado”. Embora Elmo Monteiro ressalte o orgulho de termos essa diversidade, alerta que a preocupação com a Mata Atlântica é semelhante à que se tem com o cerrado. “Se entrarmos num processo de destruição dessa vegetação, quantos animais vão se extinguir no bioma cerrado?” questiona Elmo, destacando que tanto o cer-

rado como a caatinga não têm suficiente respaldo da lei brasileira.

Ao mesmo tempo que o diretor compara o cerrado à Mata Atlântica, preocupando-se com sua devastação, ressalta que o cerrado está em desvantagem. “A Mata Atlântica já consta da Constituição, enquanto o cerrado e a caatinga ficaram de fora”, lamenta o diretor.

Apesar dessa ‘discriminação’, o diretor garante que sua meta é “preservar o cerrado,

pois a riqueza é muito grande” e faz um apelo aos políticos, especialmente dessas regiões – caatinga e cerrado –, para que incluam ambas na Constituição, “principalmente porque a capital do país, onde os parlamentares estão presentes, está em pleno cerrado. Será que eles não estão acompanhando o dia-a-dia e não vêem o quanto já perdemos do cerrado com essa monocultura da soja?”, indaga Elmo, advertindo que com isso podemos ter no futuro um deserto. “Acho que seria o momento de se trabalhar no Congresso Nacional e incluir tanto o cerrado, quanto a caatinga e as áreas de preservação prioritárias nos biomas do País”.

Além disso, como no Centro-Oeste nascem inúmeras bacias temos mais um motivo para que os parlamentares olhem por esse bioma. “Que eles não fiquem de olhos cerrados, porque, assim, no futuro não teremos cerrado para olhar... Vai ficar só na memória e nas fotografias”.

Atuante na área ambiental, Elmo Monteiro fala do risco que o cerrado corre em ser extinto e da



necessidade de ser preservado. "Afunilando para nossa área específica, que é o Parque Nacional, a riqueza em recursos hídricos é um patrimônio que não é meu, não é dos funcionários do parque - é de toda a sociedade do Distrito Federal, do País e do mundo. Os recursos hídricos são o recurso natural mais importante para a sobrevivência humana".

Outro fato interessante, apontado pelo diretor, é a relação do cerrado com o fogo. "O que percebemos é que depois de uma queimada, quando a vegetação rebrota, geralmente vem com novas espécies. A história do fogo no cerrado é milenar, não é nada de novo. Mas ele é necessário para a sobrevivência do cerrado". Elmo ressalta, entretanto, a forma indiscriminada como a queimada vem sendo utilizada. "As pessoas queimam, sem critérios, provocando desastres ecológicos".

O grande incêndio mais recente ocorrido no local foi em 1998,

Na piscina da Água Mineral os frequentadores têm a oportunidade de lazer, seja para nadar na água límpida e corrente, tomar sol ou receber a visita de macacos que compartilham o lanche

e de lá para cá tem havido um monitoramento, na época da seca. "Temos um trabalho de prevenção para evitar o fogo sem controle", explica Elmo.

Outro tipo de estudo feito no PNB é o que utiliza os sensores do Centro Sismológico da Universidade de Brasília, responsável pelo controle de abalos sísmicos e testes nucleares que venham a ocorrer no planeta.

Conscientização

No parque são dados cursos de educação ambiental, duas vezes por mês, divididos em teoria e prática, para professores e pessoas interessadas em conhecer um pouco mais da área ambiental. Os cursos têm atendido, em mé-



Um macaco aproveita o descuido de um visitante e leva uma lata de refrigerante para cima de uma das árvores, onde pode beber o líquido sem ser incomodado

dia, por ano, 700 pessoas. O objetivo é mostrar que o parque não é o clube da Água Mineral, mas um Parque Nacional. Por isso é permitido que se leve lanche, mas não que se levem embalagens de

vidro. O uso de bebida alcoólica, equipamentos de som e churrasco é proibido no parque. Este último, para evitar queimadas com a brasa do carvão. "Quando o Parque Nacional abre suas portas, o objetivo é fazer com que o homem consiga interagir com o meio em que vive. Ou seja, que ele possa ouvir um passarinho cantar, ver macacos nas árvores. Ele não pode confundir um Parque Nacional com um parque de lazer. O objetivo do Parque da Cidade, por exemplo, é um, e o do Parque Nacional é outro", compara.

A preocupação com a preservação ambiental é grande por parte do diretor do PNB. Tanto que está em andamento o Programa de Educação Ambiental, que trabalha com a comunidade estudantil, em três níveis de ensino – fundamental, médio e superior – assim como com a comunidade do entorno do parque, que passa a conhecer as belezas do cerrado. "Existem áreas em que – estudos mostram – não é viável a presença humana. Todo Parque Nacio-



O capim-gordura, espécie natural da África, vem se alastrando no parque e, por muitas vezes, é responsável pelas queimadas, porque atua como combustível

nal tem zoneamento", esclarece Elmo. O diretor explica que isso consiste em haver locais para a área administrativa, recreação, lazer, pesquisa e educação ambiental e outros em que, só em último caso, é autorizada a presença humana. "Esse procedimento é necessário, porque lá existem animais em processo de extinção e outros que só existem naquela

área. A presença do homem ali vai afugentar o animal", justifica Elmo.

Providências

No dia 15 de outubro de 2003, o governador Joaquim Roriz assinou decreto que define as poligonais do PNB. Fica, assim, localizado nos imóveis Brejo ou Torto, Larga de Santa Maria, Contagem de São João e Bananal, desmembrados do município de

PROBLEMAS

Apesar de ser uma área preservada, existem problemas no entorno do Parque Nacional, como o lixão e a ocupação da Estrutural, que ficam dentro da área de "amortecimento". "Essa área é uma grande produtora de cães, que invadem o parque para atacar a fauna e matar nossos animais". Para Elmo essa ocupação acarreta perda de corredores de fauna. "Não temos problemas com o caçador homem, pelo patrulhamento constante, mas os temos com os cães que vêm do lixão da Estrutural ou aqueles que se instalam no parque para terem alimento; afinal, são animais carnívoros", explica Elmo. O diretor define os tipos de cães – os que vêm e vão e os que vêm e ficam. "Esses cães que ficam, se organizam em matilhas e até atacam os fiscais", comenta, embora atualmente haja mais monitoramento. "A Gerência de Zoonoses tem

um papel muito importante, por fazer um trabalho preventivo no entorno do parque, capturando esses animais selvagens", complementa.

O diretor também explica que, os animais costumam sair do seu espaço territorial buscando, entre outras coisas, cruzar uma área – mesmo dentro do parque – e estar com seus vizinhos, uma vez que vivem agrupados e precisam fazer trocas genéticas entre as espécies. "Ele precisa cruzar com a fêmea de outro grupo, e não com a do grupo dele, se não, aos poucos, perde qualidade genética. Ocorre que ele acaba cruzando entre a família, e com isto há perda de qualidade genética. Com o tempo a tendência é o animal ser extinto". A troca genética é essencial para a sobrevivência e a perpetuação da espécie.

Planaltina (GO) e incorporados ao território do Distrito Federal, situado entre a DF-003 (EPIA), DF-001 (EPCT), Setor de Oficinas Norte (SOFN), Granja do Torto e a área ocupada pelo Ministério do Exército.

Em junho deste ano, o Parque Nacional de Brasília recebeu outro benefício do governo do Distrito Federal. Antes, com 30.566 hectares, o parque ganhou mais espaço. No dia 27 de junho de 2004, o governador Joaquim Roriz e o presidente nacional do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Marcos Luiz Barros, assinaram um acordo que amplia a poligonal do parque em 15 mil hectares.

Pelo acordo, uma área de 360 hectares do parque, próxima à Granja do Torto, será desmembrada e destinada à Cidade Digital – um programa de desenvolvimento do GDF que irá reunir empresas de tecnologia e informática. Em compensação, uma nova área de 15 mil hectares será incorporada ao parque. Segundo o gerente-executivo do Ibama do Distrito Federal, Francisco Palhares, cerca de 30% dessa nova área será cedida pela Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) e o restante é área do Incra que, por ser irregular, não tem atividade rural.

Segundo Marcos Barros, essa nova área que foi incorporada é composta de nascentes e cachoeiras. "Acredito que a ampliação do Parque Nacional de Brasília vai estimular, inclusive, o turismo no local. A área a nordeste do parque, da poligonal inicial do parque, é muito rica em biodiversidade de cerrado. É uma área montanhosa, quase não habitada.

VISITANTES ILUSTRES

Victor Figueiredo



O toucano é uma ave comum no Parque Nacional de Brasília, e seus passeios pela mata muitas vezes vão longe, chegando, por exemplo, até o gramado e os jardins da Câmara Legislativa, encantando os servidores. As aves, como sabiás, periquitos, papagaios, joões-de-barro, bem-te-vis e canários dão sua contribuição ao parque, seja cantando, comendo insetos ou embelezando a área

Silvio Abdon



Apesar da proposta da nova área do Parque Nacional de Brasília já estar pronta, é necessário que ela seja transformada em lei. Como o governador tem pressa para implantar a Cidade Digi-

tal, ele vai pedir à Casa Civil do governo federal que seja elaborada uma Medida Provisória, que tem força de lei e efeito imediato, com vistas à concretização da proposta.



A Barragem de Santa Maria, responsável por 30% do abastecimento de água do Distrito Federal, recebe os cuidados da Caesb, que mantém a água com qualidade

Opções

O público tem à sua disposição duas trilhas para caminhada – a Trilha da Capivara, com um quilômetro e 300 metros, e a Cristal Água, com cinco quilômetros. Além disso, o parque conta com a Ilha da Meditação – local silencioso, belo, com plantas exóticas, que proporciona a paz e traz uma energia mística, atingindo a finalidade a que se propõe: harmonia e serenidade. Outro ponto interessante é o Centro de Visitantes, onde os interessados podem encontrar mais informações sobre a história do cerrado e do PNB. Para o lazer, o público tem à disposição duas piscinas de água natural – uma acima da região do Torto e outra ao norte do parque.

O parque recebe em média 500 mil visitantes por ano. Esse número é o ideal, de acordo com o diretor, que informa que, desde 1999, foi adotado o controle de público no parque, que não com-

porta número maior de visitantes. “Essa medida foi tomada para que as pessoas venham ao parque e tenham um ambiente de lazer saudável”. Para isso, a equipe está acolhendo no máximo um número de

3 mil pessoas ao dia, para evitar que haja excesso de público e para que não haja probabilidade de depredação da unidade. “No passado chegamos a receber 9 mil pessoas num dia de sol”, lembrou.



As plantas nativas contribuem para embelezar o cerrado

Mesmo com a presença de 3 mil pessoas, a equipe dá conta da fiscalização, especialmente no aspecto de não permitir que sejam levados exemplares da flora e da fauna. "As pessoas vêm aqui com o intuito de lazer", observa Elmo, mas acabam gerando algum tipo de depredação, como as que derivam do descuido com o lixo. "Por mais que tenhamos um trabalho educativo, trata-se de uma questão de comportamento. As pessoas não têm cuidado com o lixo. O que não faltam são lixeiras. Chegamos a ter problemas até com pichação em placas e paredes. Mas continuamos com nosso trabalho educativo, porque, afinal, educação é um processo. Não se consegue mudar valores da noite para o dia", avalia.



A Cachoeira das Três Barras é um cartão-postal ao vivo, com uma queda d'água que deixa as pessoas embevecidas por sua beleza

Caminho das pedras

Viver em Brasília não exige muito; pelo contrário, a cidade oferece inúmeras opções, nas duas estações - da seca e da chuva. Dizer que em Brasília falta o mar é apenas um detalhe. Veja o céu azul, o verde das árvores e da grama. Sinta o vento, o sol de rachar - em pleno inverno - e, mais que tudo, sinta o ar puro que emana do Planalto Central, por meio de sua vegetação típica - o cerrado - esplêndida em seus 64 parques (ecológicos, de lazer e de múltiplas funções). Por trás do lazer, porém, está a ecologia. Acorde cedo. Coloque um conjunto de moletom, ou uma bermuda, calce um tênis e leve um boné. Siga o caminho da Estrada Parque de Indústria e Abastecimento (Via EPIA), BR-040. Basta pagar R\$ 3,00, para entrar no Parque Na-

cional de Brasília, fonte de saúde e energia, por meio de suas trilhas e diversas opções. Se dentro dos limites que o público tem o direito de conhecer, o parque já é encantador, imaginem conhecê-lo em suas entranhas... Mas isso só é per-

mitido com autorização da diretoria do parque e acompanhamento de fiscais do Ibama, quando se trata de trabalhos especificamente profissionais.

Chegar à sede da Administração do Parque já é o começo de

L A B I R I N T O



Local para se refletir sobre o ato de manter animais silvestres engaiolados

um passeio agradável. Nossa equipe foi recebida por uma seriema que, sem timidez, fez diversas poses e cantou, dando-nos boas-vindas. Nosso roteiro, dirigido pelo fiscal José Mota, começou pelo Portão 3, de onde percorremos uma estrada e deparamos com uma linda vista – a Barragem de Santa Maria. Ela ocupa uma área de 8 milhões de metros quadrados, que abriga um volume acumulado de 80 milhões de litros d'água. A vazão regularizada é de 135 litros por segundo e a extensão, de 500 metros. Em seguida vê-se o sangradouro ativo da barragem. Seguindo em frente apreciamos, curiosos, a flora, passando pelo coqueiro-camargo, a canela-de-ema, a planta medicinal marcelinha-do-mato, o cipó-imbé e o capim-gordura – que visto de cima parece um tapete.

Percorrido outro longo trecho, conhecemos o Centro Sismológico da UnB. Mais à frente descemos da camionete. Ousados e curiosos, pisamos no mato ora baixo, ora alto, para chegar à Cachoeira das Três Barras. Como um cartão-postal ao vivo, sentem-se os respingos da água que desce límpida. Uma beleza escondida, inas preservada. Para apreciá-la inais de perto, vale atravessar a água e chegar a uma ilha para ver de frente a queda d'água. Na terra úmida, percebem-se as pegadas de um animal – uma anta, ou capivara.

Essa convivência com a natureza pode ser comum para os animais que ali nasceram e lá vivem, mas para o homem...De repente observa-se a roupa coberta de micuins, uma espécie de carrapato, do tamanho de um grão de areia, que cola na roupa e passa para a pele num piscar de olhos. Nosso cicero, José Mota, mostra as meias infestadas pelos insetos que dizem ser carrapatos



A canela-de-ema, planta medicinal é uma das variedades de rara beleza no cerrado

comuns em cavalos. “Os animais daqui já estão acostumados com isso, mas a gente nunca se acostuma”, diz o fiscal, conformado.

Seguindo nosso caminho, percorremos diversas trilhas onde se vê a água brotando do solo. Irresistível ver a água tão pura sem ter o desejo de saboreá-la. Essa vontade não nos foi negada. Depois de uma longa caminhada, voltamos ao veículo, que nos conduziu ao Posto 7, uma das entradas do parque, que fica de frente à Rua 11 do Lago Oeste. Paramos para lanchar por volta de 13h30. Sem deixar sujeira no local, acondicionamos guardanapos e copos descartáveis em sacos plásticos, mostrando, assim, nossa consciência ecológica.

Antes de partir recebemos a notícia do atropelamento de um lobo-guará. Inocente, indefeso, atravessou a pista para encontrar, do outro lado do parque, outras famílias e, quem sabe, para cruzar e fazer a troca genética para o bem da espécie, como havia explicado Elmo Monteiro. O animal foi levado para um freezer, a fim de ser posteriormente empalhado e passar a fazer parte dos exemplares do Centro de Vi-

sitantes, outro ponto do parque que abriga elementos descritivos do PNB, como a parte histórica e geológica, bem como espécimes da flora e da fauna – um acervo socioambiental.

Registrado o acidente, partimos para a Ilha da Meditação. Uma placa explica: “Local para ouvir e abraçar o silêncio, reconectar-se à paz e à natureza”. Uma ponte de madeira leva-nos a um pequeno lago arredondado, freqüentado por pessoas de todas as idades, que buscam a paz e o silêncio.

Adiante, avistamos o Labirinto. Uma placa na entrada diz: “Atividade de Sensopercepção”. Formado por gaiolas de passarinhos de diversos tamanhos, o caracol tem quase 100 metros de extensão e é coberto por arames em formato de gaiola. No centro do labirinto, sobre uma bancada de madeira, está um espelho grande, um prato vazio, uma colher, um copo cheio de pedras. A imagem que se vê é de uma pessoa enjaulada, engaiolada – eu. A resposta está no que se vê no espelho. Troque de lugar com o animal e sinta o que ele deve sentir.

Depois desse ponto de

questionamento, partimos para a Trilha da Capivara, localizada próxima à piscina velha, em direção ao Centro de Visitantes. O percurso é de 1,3 quilômetro, cercado por madeiras, onde se encontram placas pichadas. Curioso é observar que a campanha de educação ambiental está dando certo. O parque é limpo de objetos que causam danos ao meio ambiente, como plásticos que levam anos para se deteriorar. O local com mais incidência de lixo fica nos arredores da piscina, antes da limpeza diária e constante do local.

Dando prosseguimento ao nosso percurso, trocamos de cicerone. Com entusiasmo, o fiscal do Ibama Gaspar Lourenço veio substituir José Mota. Lourenço nos levou à Trilha do Cristal Água, com 5 quilô-



Este lobo-guará foi uma das vítimas de atropelamento, numa rodovia onde diversas placas alertam sobre a travessia de animais e solicitam aos motoristas que diminuam a velocidade

metros de extensão. Apreciamos a vegetação composta por almécegas e douradinhas e ouvimos histórias fantásticas do fiscal,

como a do macaco guariba, animal em extinção cuja fêmea, para evitar ser atacada pelo homem, quando o vê, enquanto amamenta, exhibe o peito e o espreme, mostrando seu leite no intuito de sensibilizar o homem. "Aqui também podemos ver exemplares do lobo-guará, do tamanduá, do pica-pau e do mico-leão-dourado", esclarece o fiscal.

O parque conta com diversos pontos de observação de incêndios - 12 casas que abrigam funcionários do Ibama na época da seca - para controlar qualquer foco de queimadas nas redondezas. Além disso, há outros pontos de observação, como um de mais de 20 metros de altura, de onde se avista grande parte da área do Parque Nacional.

Durante o percurso, tivemos o privilégio de ver tucanos, pica-paus, macacos, seriemas, gaviões e aves desconhecidas - mas que nos deram o imenso prazer de conhecê-las. Anoiteceu no Parque Nacional de Brasília, onde está a natureza pura, viva, intacta, sob os cuidados dos homens que respeitam a vida preservando o meio ambiente.



Os fiscais Nilton Cabral, Gaspar Lourenço e José Mota trabalham com ânimo e seguem à risca a lei de preservação ambiental da fauna e da flora

S E R V I Ç O
 O Parque Nacional de Brasília funciona, diariamente, das 8h às 16h, com ingressos a R\$ 3,00 por pessoa. Outra forma de frequentar o parque é comprar um passe, no valor de R\$ 30,00, com validade de 30 dias corridos, podendo os visitantes usufruir da natureza a partir das 6h da manhã.

A interdição da arte

□ FLÁVIO R. KOTHE

imagem pintada, como o interpretaram os muçulmanos. Essa "imagem" abrange todo o processo mimético, podendo ser uma imagem acústica, um produto da imaginação literária e, até mesmo, uma imagem olfativa, tátil, gustativa ou mesmo virtual. Essa interdição geral tem lógica e foi praticada pelos adeptos do deus Aton no reinado do faraó Akenaton, conforme a arqueologia tem comprovado.

Sendo o deus Aton – conforme se pode ler no ensaio de Freud intitulado "O homem Moisés e a religião monoteísta" – um deus decorrente da expansão do império egípcio como um ente que representava uma grandeza maior do que apenas deuses locais, ele não podia admitir a concorrência de outros deuses, pois esses continham, por sua simples existência, a negação à pretensão implícita nele de não ser apenas um deus mais poderoso que os outros deuses (como Zeus ou Tupã), e sim um deus único, já que ele representaria a totalidade e teria de que-



Estudantes e estudiosos das Letras pressupõem o caráter basicamente benéfico da literatura. Mesmo Nietzsche, ao insistir na concepção de que a arte é sobretudo voltada para a revitalização da arte, insistia com isso na positividade da literatura. Ela pode, de fato, ser um espaço de liberdade, de dizer coisas que não poderiam ser ditas com outras linguagens, mas isso ocorre como rara exceção, sem grande relevância social: a instituição social da literatura é fundamentalmente enganosa e perniciosa. Ela serve para doutrinar e enganar, não serve para dizer a verdade que não pode ser dita de outros modos.

O primeiro mandamento do

Decálogo de Moisés não é "Amar a Deus sobre todas as coisas". É mais extenso. Ele se dirige apenas aos judeus, referindo-se ao Jeová que os teria tirado da servidão do Egito, merecendo, portanto, perene gratidão. Em segundo lugar, ele protege as crianças, o que foi omitido na versão católica. Em terceiro lugar, faz uma proibição geral de todas as artes, interditando a reprodução de qualquer ente que exista sobre a terra, sob as águas ou nos ares.

Como ele proíbe primeiro a "escultura" e, em seguida, qualquer imagem, o conceito de "imagem" assume um sentido amplo, não sendo apenas uma

rer ser, cada vez mais, onipresente, onipotente e onisciente. Jeová não tem desde o início todas essas características. Se ele pode, por exemplo, criar tudo por um ato de vontade, ele só consegue decifrar as ações de Adão e Eva porque este se mostra um mau ator. Jeová não era, portanto, onisciente. Como deus de um povo, ele não era "universal", etc.

A proibição das artes e, portanto, da reprodução imagética de entes, eventos e situações está contida num texto que relata as andanças de Moisés morro acima e morro abaixo, as fúrias e vinganças dele contra os judeus que adoravam os seus antigos deuses e assim por diante. A proibição de constituir imagens que reproduzam eventos e seres está contida dentro de um texto que, com muita arte e artimanha, reproduz eventos e seres, ações e situações. Essa contradição primária não é elaborada pelo texto, o que revela o seu baixo nível de consciência crítica.

Ele próprio contém, no entanto, a pretensão de que apenas está contando e reproduzindo

cenas e personagens que de fato existiram antes como fatos, pessoas e entidades. Ele tem pretensão de ser "verdadeiro", no sentido de "contar o que de fato aconteceu", ou seja, produzindo imagens. Ele faz o que ele proíbe. Mas não tem o cinismo de dizer: "Façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço". A rigor, nenhum judeu deveria ser artista. Só pode ser artista o judeu que renegar a crença oficial do seu povo e, portanto, negar o seu povo.

A Igreja Católica se declara fiel cumpridora do que considera "a palavra de Deus", e falsifica o texto dito sagrado. Ela não só não reproduz corretamente o primeiro mandamento como também "encurta e interpreta" outros mandamentos: ou seja, falsifica-os. Ela reprime a consciência crítica, a pretexto de estar elevando o homem ao divino. Ao falsear o assim chamado primeiro mandamento (que não é o primeiro, pois há mandamentos de Jeová antes da lei mosaica), não apenas libera e fomenta as artes, mas trata de implementá-las como instrumento de propaganda de sua doutrina. Ao usar a arte para atrair, trai a arte.

O engodo não está apenas na Bíblia. O texto sagrado dos gregos, a *Ilíada*, servia para difundir a ação dos heróis, sendo considerados heróis os filhos de deuses com humanos, dos quais se originariam as grandes famílias aristocráticas. A religião servia para legitimar a estrutura social e o sistema de

poder. A arte grega é basicamente uma legitimação da aristocracia como dominação do todo social por uma minoria. Como ideologia, ela trai o compromisso da arte com a verdade.

Não é arte, portanto, o que vem sendo considerado arte. É apenas ideologia que não é reconhecida como ideologia por aqueles que são dominados pela ideologia. Assim como não se podia esperar do crente grego a percepção do caráter ideológico das obras que ele considerava sagradas – para não dizer artísticas –, também não se pode esperar do crente judaico, muçulmano ou cristão que ele seja capaz de entender a limitação

ideológica daquilo que ele considera sagrado e que se disfarça sob o nome de artístico. Assim como não se pode esperar do helenista reacionário, para o qual o grande saber está enterrado na Grécia, que ele consiga perceber as limitações da “episteme grega”, também não se pode esperar do erudito judaico, muçulmano ou cristão que ele seja capaz de entender a limitação ideológica dos dogmas em que acredita e que são o pressuposto de toda a sua argumentação.

Que todos eles não possam entender essa limitação não significa que ela não exista. Não significa que, a pretexto de ser o “horizonte de consciência possível de uma época”, ela deva ser considerada o horizonte a partir do qual a questão deve ser examinada. Pelo contrário, isso seria continuar consagrando o erro já consagrado na ideologia, por mais portentosos que sejam os interesses subjacentes. Seria negar a possibilidade de ciência na área humana.

Essa “nova ciência” teria de partir do naufrágio de toda a arte, toda a teoria e de todas as crenças em que se tem baseado a cultura do ocidente, não só a baixa

cultura, mas também a alta cultura, com sua pretensão de superioridade e refinamento. Ela não só teria na tragédia momentos de iluminação crítica, mas partiria de uma tragédia-mor: o naufrágio da filosofia e da alta cultura. Não só a “alta” se mostraria como “baixa”, um esquema discernível em suas limitadas estruturas e jogadas manipulativas de interesses, mas a “baixa”, a “popular” e a “nacional”, não poderia ser “elevada”, para ocupar o espaço da outra, já que a sua vulgaridade, simploriedade e trivialidade continuariam patentes para quem tivesse a coragem de fazer o esforço do conceito, atitude que não se poderia esperar daqueles que gostam de ver nela um *non plus ultra*.



CONSTITUCIONALISMO NACIONALISTA

□ CLOVIS SENA

Conforme o recém-relançado (2ª edição) A nova Inconfidência, livro de Celso Brant, a luta pela libertação nacional é uma guerra em que podem ser perdidas algumas batalhas, menos a batalha final. Por exemplo, aceitar que a Inconfidência Mineira terminou com a morte de Tiradentes na forca seria o mesmo que admitir que o Cristianismo acabou com a morte de Cristo na cruz quando, de fato, foi ali que teve começo.

só em causa

No caso da Inconfidência, no instante em que foi enriquecido com o aparecimento de um herói e mártir, o movimento se deveria ter revigorado, aumentando o seu poder e a sua força.

A Inconfidência, inda de acordo com Brant, fora o único projeto político que o Brasil teve em toda a sua história, e o seu abandono inviabilizou

a realização do nosso país como nação. Decorrência disso, o problema fundamental do Brasil dos nossos dias é o mesmo de 1789: falta de soberania. A solução está em reerguermos a bandeira que estava nas mãos de Tiradentes. Hoje o Brasil só não é ainda um país soberano porque as nossas elites impedem que isto aconteça.

Residente em Belo Horizonte, Celso Brant, a partir dali, desfralda a bandeira de um organismo nacional chamado Movimento Nova Inconfidência - MNI.

Também animador cultural e musicólogo, dá para lembrar que, no Rio de Janeiro de antes da transferência da Capital para Brasília, havia o ainda jovem Celso Brant lançado o livro *Bach, quinto evangelista*, onde sustentava ser tão importante a contribuição daquele compositor alemão para o Cristianismo, através da música, quanto a de cada um dos quatro Evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), estes nos testemunhos por escrito.

Eleito deputado federal por Minas em 1962, o nosso personagem tomara posse em Brasília no início de 63 e logo se engajaria nas lutas coordenadas pela Frente Parlamentar Nacionalista, onde pelejavam Barbosa Lima Sobrinho, Sérgio Magalhães, Coutinho Cavalcanti, Neiva Moreira, Dagoberto Joffily, Gabriel Passos de Castro, Fe Sant'Anna, dentre Luta pela reforma controle das remessa de lucros e dividendos para o estrangeiro, relações diplomáticas e comerciais com todos os países, pela independência política e econômico-financeira de ti reforma educacional, mudança da Caçtro-Oeste. Ferro e açnascente Petrobras.

A morte de Getúlio Vargas, legando aquela chamada Carta-Testamento, documento selado com a própria assinatura daquele marcante presidente, ensejou reunião, para avaliações e possíveis providências parlamentares, de um pequeno grupo, no consultório do deputado Josué de Castro (*Geografia da fome*), e de uma segunda reunião, desta vez na biblioteca da Câmara dos Deputados, com número já maior de parlamentares, inclusive do deputado (e ex-presidente) Artur Bernardes, isto ainda no Rio de Janeiro quando capital do país.

Dentre os vários projetos e anexos, de controle das remessas de lucros, que vinham sendo apresentados ante uma ou outra das casas do Congresso, prevaleceu justamente o chamado Substitutivo Celso Brant. Que virou lei. Lei sancionada pelo presidente João Goulart.

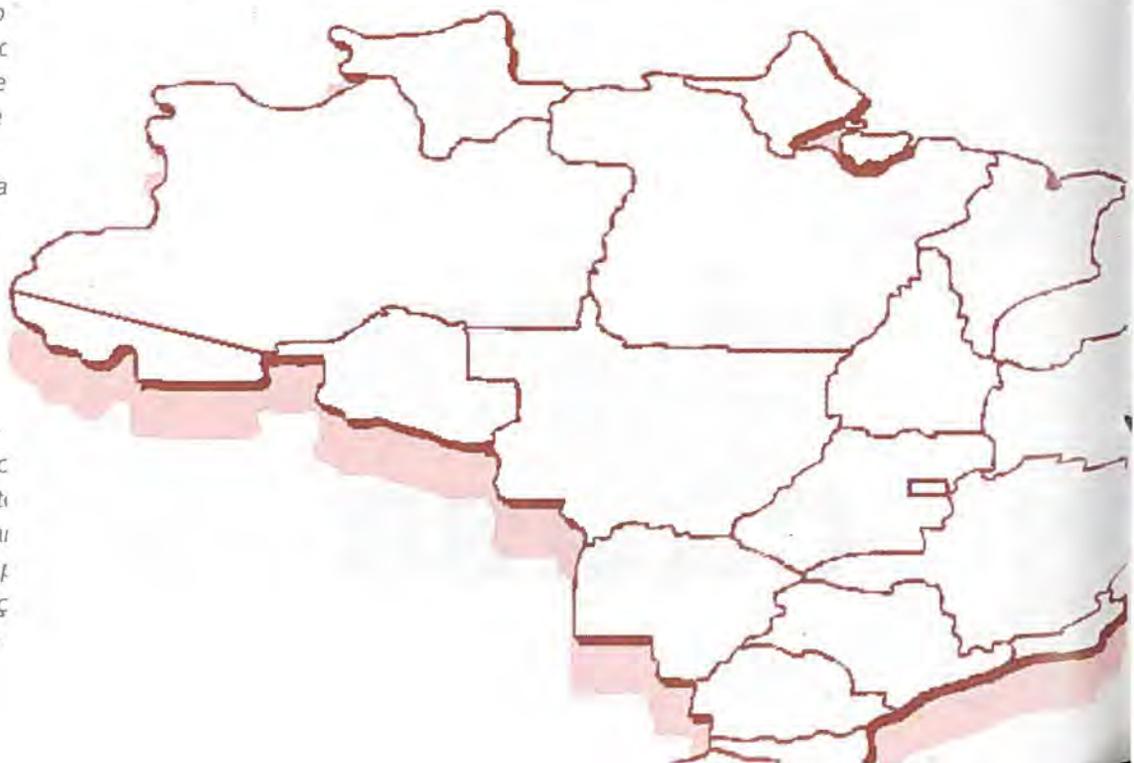
Claro, logo advém o golpe da UDN civil e militar, de 64, essa lei é invalidada, e já na primeira lista de punidos, Celso Brant tem o mandato cassado e os direitos políticos suspensos.

E não sendo homem de vinganças, mas um perseverante, nesse seu atual livro, *A nova Inconfidência*, sustenta que o nacionalismo só funciona na defesa, nunca no ataque. E dá o exemplo do ocorrido no Vietnã. Os

vietcongues eram esfarrapados, usavam armamentos primários e, no entanto, derrotaram as tropas dos Estados Unidos, o maior exército do mundo. É que os vietcongues portavam a força interior: a força moral de lutar em seu próprio chão, contra invasores. E essa força moral não possuíam os Estados Unidos, obviamente os agressores. Quando Hitler organizou, na Alemanha, aquele que era o maior exército da Europa, estava ele correspondendo ao nacionalismo do povo alemão. Mas perderia a guerra à medida que ia ocupando as nações alheias e delas se transformou em agressor. O mesmo aconteceu com os japoneses no Pacífico e na Ásia. E com os italianos de Mussolini ao ocuparem a Etiópia. E aos russos na Ucrânia.

Depois de eleito, mas antes de tomar posse, Juscelino Kubitschek visitou Portugal, encontrando-se com o primeiro-ministro Oliveira Salazar.

Tempos depois, JK recordava que a única recomendação que ouvira do presidente português foi a de não se socorrer nunca do Fundo Monetário Internacional. "O FMI - disse-lhe Salazar - cobra juros financeiros razoáveis, mas acrescenta juros políticos extorsivos. Os países que a ele se socorrem, na verdade, abrem mão de sua soberania".



Desconstrução de Sísifo

□ SALOMÃO SOUSA



homem sempre buscou alternativas para, muito mais que forjá-lo, desvencilhar-se do próprio destino, acabar com as infundáveis repetições cotidianas que ele lhe impõe. E, neste afã para tornar único cada ato seu, acaba se identificando ainda mais com Sísifo, pois os arranjos das ações humanas não têm possibilidades infinitas.

Diógenes se refugia num barril, nu, procurando se despojar de tudo que lembra o mundo, mas fica refém do retorno, da repetição do sol, pois tem de aguardá-lo todos os dias para receber novo alento, e ainda não consegue se livrar do poder, pois o rei pode se interpor entre ele e sol. Até Quixote forja falsa lucidez, não consegue escapar da repetição, pois, após vencidos os moinhos, tem de partir para novas aventuras.

E, além das ridículas tentativas para fugir da repetição, cabe ainda lembrar a angústia do eterno retorno. Nietzsche avaliou mais que o mito. Foi um crítico que procurou salvar Sísifo por meio da valoração ao exigir maior repetição dos gestos de maior intensidade, pois, se intensos, são dignos de retornar em novas vivências (repetidos), serem tomados como parte do destino. Nietzsche, portanto, não procurou abolir Sísifo, mas intensificar o mito. Pode haver retorno, repetição da ação.

Com atraso de mais de cem anos, foi traduzida no Brasil uma pequena novela que não só busca inverter o mito de Sísifo, mas traz novos questionamentos sobre a postura do homem diante das repetições impostas pelo destino. Não significa, no entanto, que a edição de *Bartleby, o escrivão*, vá retirar Melville do limbo. O mundo não perdoa os corajosos, mesmo quando eles fazem a travessia de todos os cabos das tormentas. E Melville teve a coragem não só de confessar em seus livros as experiências como caçador de baleias e de escravo de canibais, mas também o amor incestuoso que manteve com uma irmã legítima. E fugas como estas das armadilhas das repetições do cotidiano, a sociedade e a crítica não perdoam nem mesmo nos deuses.

Não foi privilégio de Camus a redescoberta do mito de Sísifo, talvez o de aumentar o seu lugar de destaque na filosofia atual. Camus, aqui, apenas dá uma de Sísifo ao repetir um questionamento já abordado com profundidade pela literatura. E ele mesmo confessa franca admiração por *Moby Dick*. Mas aí tem muito mais que um amor platônico, pois a simbiose acabou gerando todo um processo de análise do absurdo.

Em *Moby Dick* (livro escrito com o amálgama da modernidade, desde que coloca a filosofia para conviver harmoniosamente com o enredo e com o discurso dos persona-



gens, questionando a vida e seu futuro), Melville sabe que terminada a viagem perigosíssima e demorada, iniciar-se-ia outra; e terminada esta, começaria uma terceira; e assim por diante, para sempre e indefinidamente. Tal é a infinitude, sim, a intolerabilidade de todo afã terreno". E para combate desse intolerável, pois reconhece que "nenhum volume grandioso e duradouro poderá jamais ser escrito sobre a pulga", Ahab é o Quixote que vai de embate ao monstruoso, ao sabido monstruoso. E Ahab é consciente, sabe que o destino ficará tecido, caso seja vencido; quer saber se será imortal ao estar no conhecimento de todos (o vir a ser herói), se tem consciência de que "não há nesta vida uma caminhada firme, isenta de retrocessos", então, "para que essa incessante operosidade" de tecelão? Mas não tem coragem de cortar o fio ou de deixá-lo esticado sem necessidade de rompimento. Quer retomar, retornar à aventura, para saber se é ela mesma uma outra ainda mais intensa, eterno retorno nietzscheano mais que Nietzsche.

Mas quem luta sabe que terá de superar a repetição, sem cair em suas malhas, pois quem é vencido não poderá repetir, não resiste às propostas que a si mesmo faz. E Melville, valendo-se de uma pul-

ga (pois Bartleby é tão inexpressivo que se aproxima dos insetos), inicia outra caminhada na escritura, e o volume, se não sai alentado, será grandioso pela proposta e pela trajetória dentro da reformulação do pensamento. Caso não tenha cessado o ato de repetir (enquanto escritura), Melville conseguiu demonstrar que todo ato é o segmento de um todo, complemento, não podendo ser uma simples repetição maquinal.

Para opor-se a Sísifo, resistir às suas propostas de repetição, abolir, não poderia haver nenhum gesto inicial. Sísifo é o único gesto que terá de morrer pela paralisação de todo gesto, sem nenhum começo. Bartleby prefere não principiar nenhum gesto a partir do instante que descobre a inutilidade de todos os outros, já identificados no gesto inicial. Precisa da mobilidade, da força motriz de um terceiro (narrador) para registrar o seu significado anti-Sísifo. Sequer pode questionar o seu gesto, não pode haver consciência. Consciência ele tem em excesso, poderíamos concluir. Inconsciência tem aquele que recomeça.

Bartleby transparece um único significado: ser mito enquanto busca de destruição de Sísifo. Aquele que é mito não questiona (para usar a terminologia de Parmênides), o mito é. Camus ainda tenta colocar um ponto intermediário entre Sísifo e seu contrário, mas simplesmente com a cessação: o suicídio. Bartleby

não é um ponto intermediário e nem é suicídio: é o anti, o contrário, a oposição, pois, nele, não retomar ainda é decisão, ainda é pulsão, não enquanto negatividade da vida, mas enquanto consciência. Enquanto oposição, ele não pode desconhecer a morte, mas evitar a morte em vida com a repetição daquilo que, de início, já é sabidamente inútil, que não serve para o eterno retorno.

Para permanecer mito, Bartleby tem de permanecer vivo, e ele não morre. Poderia fazer uma cópia hoje se não tivesse de fazer outra amanhã. Poderá se alimentar se não tiver de se realimentar. Apesar de abolir todo pensamento, de ele não fazer nenhuma avaliação (o mito não pensa, provoca o pensamento), demonstra que poderia fazer se o ato valesse infinitamente (e essa consciência vale mais que o eterno retorno). Para opor resistência ao destino, nenhum gesto vale a pena se não for único e completo. No entanto, fica descartada a possibilidade de suicídio, apesar de ele também suspender a alimentação (ato por si mesmo repetitivo). O que é mito é consciência, questionamento; e o suicídio é ato, mas um ato que elimina a consciência de todos os outros, até mesmo a da construção do mito. Bartleby - um Melville cansado de tantos mares - está construído, paralisado, anti-Sísifo.



Fragments de uma carta

□ JOÃO CARLOS TAVEIRA

O livro de contos *Florismundo Periquito*, de José Godoy Garcia, é como água de chuva, que inunda tudo lá fora e cá dentro, e lava a alma da gente. Lendo-o, mais de uma vez, tive a nítida impressão de estar diante de um romance, um grande romance. É uma obra-prima. A princípio a gente pensa que a temática é localizada, regional. Engano! A linguagem poética e a riqueza estilística, com as quais o autor tece seus contos, acabam nos remetendo a todos os recantos de nossa pátria. A problemática dos personagens, então, nem se fala. É brasileira-ríssima. Ou melhor: universalíssima.

Nestes tempos de vacas magras, este livro nos chega manso que nem o Araguaia e intempestivo como o Amazonas. Água limpa e densa comendo outras águas. Fico com Tolstói: o talento ainda é o grande herói da vida. No mais, a ignorância mecanizada ganhando relevo, destaque, e enganando os homens. Uma chusma de escrevinhadores engordando as resenhas e os bolsos gananciosos (e desonestos) de tantos jornais, revistas e editoras. Não há mais medida de valores. Perderam-se os rumos. Mas não nos desgastemos...

Florismundo Periquito não precisa de tempo, de envelhecimento para ser grande. Já nasceu antecipado. Contos como "Santa Dica de Goiás", "A Solidão de Santa Brígida", "A Moça Creuzina") "Os Retratos", "O Velho e o Novo", "O Dia da Pátria" e a novela que dá título ao livro são verdadeiras jóias literárias. Estão à altura dos melhores de nossa litera-

tura. E dentro desse universo, vejo Zé Godoy vencendo a insensatez e a burrice modernosa para ensinar que a vida não é só comer, beber, dormir. Zé Godoy sabe que "o corpo é o rei da natureza", mas não pode prescindir do sonho: "Um sonho é um dever do mundo." Cadê Salu? Saiu, morreu. E morreu porque lhe tiraram o papo, mas também morreu de solidão.

Detenho-me, agora, na pequena novela "Florismundo Periquito"; por tratar-se de uma maravilha da criação, no universo ficcional-poético de José Godoy Garcia. Aqui, corajosamente, o autor de *Rio do Sono* nos coloca face a face com a consciência ator-

mentada do ser, com todas as suas misérias e grandezas. *Florismundo*, ou simplesmente Flô, de dentro do saco (ou de sua masmorra existencial), de onde raramente sai, contempla o mundo, e o absorve com "desdouro", para em seguida subvertê-lo à desgraça irremediável de seus familiares. É um morto que se recusa a morrer. No entanto, vive o espetáculo da alegria mercê da morte que, à sua volta, na beira das estradas, campeia os corações e os corpos de seus semelhantes.

Mas não nos enganemos: José Godoy Garcia, mesmo ignorado pela mídia, constrói seu espaço no tempo presente e no coração dos homens futuros. E escreve porque é escritor. Mas não é escritor porque escreve. É escritor porque perscruta a alma humana, reinventando-lhe o destino vitorioso dentro da precariedade social em que os homens se meteram. Eis-nos diante do poeta em sua plenitude, embutido nas palavras com as quais nos reinventa e assiste.

Um dia, Flô estará crescido (e bem vivo), e seu riso, muito maior. E, de mãos dadas com Zé Godoy, sairá do saco, e juntos darão risadas, e o mundo se encherá de riso, e a vida será uma alegria só.

E eu, daqui do meu canto, já começo a ser feliz, pois sei que o talento de homens como José Godoy Garcia, o poeta das diversas camadas da linguagem e da vida, haverá de vencer a idiotice e a mediocridade não pressentidas por Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto, para os nossos dias.



Tendo trabalhado na Universidade de Brasília (1994-2000), nunca fiz uma avaliação do livro Introdução à teoria e prática do latim, da profª Janete Melasso Garcia, publicado em 1993 pela Editora da Universidade. Sempre julguei que uma obra deve, de preferência, ser analisada por especialista de outra instituição, no entanto, em razão da crítica que o livro levantou, sobretudo local, entendo que devo contribuir, dentro do possível, para o esclarecimento

da questão, uma vez que o manual ainda se encontra ao alcance do público.

L

ogo que assumi o cargo de professor na UnB, tomei um primeiro contato, superficial, com o livro e decidi adotá-lo: reconheço

que não fui atento pois me antecipei. Não que o andamento da disciplina tenha se comprometido, já que o professor pode e deve resolver qualquer problema, como às vezes acontece no trato com os manuais. Porém o que me surpreendeu, no caso em apreço, foi a significativa incidência de incorreções, o que não entendi visto que antes da primeira edição o trabalho havia tido versões em formato de apostila. Dirigindo-me à autora, procurei contribuir para o melhoramento da obra, caso houvesse uma

A respeito de um manual de latim

□ EDUARDO TUFFANI



edição futura, mas a professora muito pouco aproveitaria das minhas sugestões. Tempos depois, um colega de departamento, o prof. Eugenio Estevam Batista, resenhou o livro, considerando-o de modo bastante favorável (*Universa*, Brasília, Universidade Católica de Brasília, v. 3, n. 1, p. 247-248, mar. 1995).

No ano de 1997, a prof^a J. M. Garcia publicou um segundo livro pela editora universitária (*Língua latina; a teoria sintática na prática dos textos*, Brasília, UnB, 202 págs.), estando o primeiro há dois anos em edição revista. Quanto a este, o confronto das duas edições demonstra que os melhoramentos não foram suficientes. Também em 1997, enderecei-me à autora sugerindo-lhe uma revisão mais profunda do primeiro livro, o que infelizmente não se realizou. Em setembro do mesmo ano, tive conhecimento da avaliação severa que o livro passou a levantar. Um documento postado teve a impressão, a crítica rigorosa da prof^a Maria Luiza Roque, aposentada do Instituto de Letras da UnB (*DF Letras; a Revista Cultural de Brasília*, Brasília, Câmara Legislativa do Distrito Federal, v. 4, n^o 39/43, págs. 27-30, maio/set. 1997). Em contrapartida, o prof. E. E. Batista apreciou o livro *Língua latina* de forma extremamente positiva (documento até onde sei inédito, divulgado em cópia xerográfica), e foi remetido um parecer de um outro professor aposentado a respeito dos dois trabalhos da prof^a J. M. Garcia, também muito favorável e encorajador (parecer inédito). Menciono este pois foi divulgado e afixado em mural, mas não cito o autor porque o documento não foi publicado.

A prof^a M. L. Roque trouxe à discussão, entre outros pontos, questões ligadas à terminologia lingüística e à gramática histórica

das línguas clássicas, em que o professor concentrou a sua atenção, procurando identificar as fontes de que se serviu a autora dos manuais. O debate é realmente estimulante, e o professor mostrou ser um educador preocupado com o latim, porém deixou o professor de tratar do livro *Língua latina* ao longo do seu parecer, não observando também as impropriedades gramaticais que o primeiro livro apresenta, uma vez que a prof^a M. L. Roque fez delas uma pequena amostra: o professor reconhece duas, mas o número é bem mais significativo.

Não devemos nos esquecer de que o manual é uma iniciação ao latim clássico, língua literária *grosso modo* documentada ao tempo de César e Augusto, não podendo as primeiras noções se orientarem pelos autores arcaicos, pós-clássicos, etc. Vale lembrar que a correção gramatical na antiguidade era maior do que atualmente, portanto o latim ministrado hoje nos cursos de letras busca, num primeiro momento, o conhecimento desse latim padrão. Ainda que o estudo do latim no Brasil tenha recuado, foi assim que se fez e é assim que se faz com maior ou menor felicidade: temos muitos manuais publicados, alguns por vezes merecendo a correção de pontos; para estes importa, no presente caso, a questão de incidência.



Estou anexando uma série de observações para tornar patente a dimensão do problema, mas considero inoportuna uma revisão do primeiro livro, porque este já assumiu forma após as suas versões. Com relação ao segundo livro, o meu nome figura nos agradecimentos por equívoco da autora. Não pretendo manter querela, mesmo porque os estudos superiores ainda não se desvencilharam completamente daquilo de que menos positivo ofereceu o espírito das academias de letras, quando mais se louva do que se critica a fundo. Organizando há anos uma referência dos estudos latinos no Brasil, divulguei trabalho em versão preliminar (*Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1830-1996)*, Niterói, UFF, 2002, 141 f.: www.uff.br/repertlatim), em que se encontram teses e dissertações inéditas de boa qualidade. Entre os títulos arrolados, existem muitos artigos de valor que poderiam ser publicados em forma de coletâneas. Já que há investimento em letras clássicas, as editoras poderiam considerar a abertura de outras frentes de trabalho.

Anexo

(O elenco é uma amostra. Ficam dispensadas de registro maior as corrigendas elementares)

1) A propósito do *V*, "segundo Cícero, o alfabeto latino apresentava 21 letras.... *V(u)*...." (p. 18), a observação (p. 19) não satisfaz, sendo imprecisa, pois os romanos não se serviam da letra *U*, devendo-se registrar que, no alfabeto latino, nem sequer existiam as minúsculas (Magne, p. 9 e Faria, GLL, p. 25-26);

2) "ditongos [*ae*, *oe* e *au*] são pronunciados como em hiato" (p. 21), são ditongos ou são hiatos? é evidente que são ditongos (Faria, FHL, p. 73);

3) "*ae* = /ae/ ou /ai/.... *oe* = /oe/ ou /oi/" (p. 21), /ai/ e /oi/ são pronúncias arcaicas sobretudo (Faria, FHL, p. 73-74 e 76 e Bassols de Climent, FL, p. 68-69, 72, 73 e 254);

4) "desinência" por terminação (p. 24);

5) "objeto direto" por objeto (p. 25), nomenclatura mais coerente com a nova orientação, que evita descrever o latim a partir do português, uma vez que, no livro em causa, não se leva em conta o objeto indireto na análise do latim (Cart, p. 3-4, 106-109);

6) apresentação parcial do supino (p. 35), procedimento não-didático pois não se explica o que é o supino, melhor seria um conhecimento gradual do verbo latino;

7) "*ex* é a forma usada antes de palavra iniciada por vogal" (p. 37), lição insuficiente transmitida por alguns manuais, podendo se usar *ex*

também diante de consoante (Cart, p. 84 e Zenoni, p. 263);

8) *in siluam*.... *ambulant* por *in silua* "passeiam no bosque" (p. 47) e *uideo puellam quae ambulat in siluas* por *in siluis* "vejo a menina que passeia nos bosques" (p. 184), com tal verbo, a questão *quo* (para onde) é muito pouco freqüente (Freund);

9) "imperativo presente é um tempo derivado do infinitivo presente" (p. 59), "é formado tomando-se para a segunda pessoa do singular o tema puro do verbo, sem sufixo nem desinências pessoais, e para a segunda do plural, acrescentando-se ao tema do *infectum* a desinência *-te*" (Faria, GLL, p. 160-161);

10) "infixo" por sufixo [*-ba* e *-b*] (p. 60 e 61), (Dubois, Ernout, p. 156-157, 161-162 e Faria, GLL, p. 156-158, 197-198);

11) "formas contratas" [*amast*] "amate" (p. 62), não convém chamar de contratas as formas sincopadas (Dubois e Ernout, p. 215);

12) "a 3ª p. pl. também pode apresentar-se em forma contrata" [*amauere* e *fuere*] "amaram e foram" (p. 63), não se trata de contração porque *-ere* é uma antiga e rara desinência indo-européia (Ernout, p. 216 e Faria, GLL, p. 201);

13) *in arua*.... *est* por *in aruis* "nos campos" (p. 68), acusativo por ablativo;

14) *Naulocho* por *Naulochi* "em Náuloco" (p. 69), ablativo por locativo (Cart, p. 110 e Lipparini, p. 85-86);

15) *cum phaleris ornabant* por *phaleris ornabant* "enfeitavam com fáleras" (p. 69), expressão do instrumento sem preposição (Besselaar, p. 130-131, Cart, p. 114-115 e Lipparini, p. 51);

16) *ad austro* por *ad austrum* "para o sul" (p. 70), ablativo por acusativo;

17) *ab exta* por *ab extis* "pelas vísceras" (p. 70), acusativo por ablativo;

18) *ligno gladium* [*dabat*] por *ex ligno* ou *ligneum* "dava uma espada de madeira" (p. 90), a matéria se exprime com *ex* ou com um adjetivo (Besselaar, p. 147, Cart p. 114 e 120 e Lipparini p. 60);

19) *in uia se dat* (p. 91), *in uia se dat* "põe-se a caminho" (p. 94) e *in uia se dant* por *in uiam* "põem-se a caminho" (p. 94), ablativo por acusativo (Gaffiot e Saraiva);

20) *in Domitiani tempore* por *Domitiani tempore/temporibus* "no tempo de Domiciano" (p. 92) e *in imperatoris tempore* por *imperatoris tempore/temporibus* "no tempo do imperador" (p. 92), o decalque é manifesto (Besselaar, p. 138-139, Cart, p. 113 e Lipparini, p. 75);

21) *in spectacula certabant* por *in spectaculis* "lutavam nos jogos públicos" (p. 92), acusativo por ablativo;

22) *uictori ligno gladium dabat*.... *eum rudem nominabant* "dava ao vencedor uma espada de madeira.... chamavam-na *rudis*" (p. 92), "baguette d'honneur, donnée au gladiateur mis en congé après son temps fini" (Gaffiot), espada ou vara/bastão? Georges Lafaye, em verbete do *Dictionnaire des antiquités grecques*

In siluam... ambulant
In siluis... ambulat

et romaines (p. 897-898), após consideração à luz dos textos e monumentos, chega à conclusão de que "la rudis n'y est pas autre chose qu'un bâton plus ou moins épais", sendo a rudis um florete de madeira sem ponta e sem acabamento, com efeito, um bastão, como os dicionários traduzem;

23) *adventavit* "chegou" (p. 93), na língua padrão, o emprego do perfeito é insólito (Gaffiot e Quicherat & Daveluy);

24) *ambulat...* in *asinum* (p. 94), *ambulat...* in *asinum* "caminha no burro" (p. 94) e [*ambulo*] in *asinum* por *in asino* "caminho no burro" (p. 94) acusativo por ablativo (Saraiva e Torrinha);

25) "4ª declinação.... podendo ser considerada uma declinação variante da 2ª, há palavras que se declinam por uma ou por outra.... *domus*, -i ou *domus*, -us" (p. 95-96), informação a rever pelas conclusões que daí o aluno pode tirar, pois não existem "palavras em -us" que se declinam em todos os casos por ambas as declinações, sendo raridade *penus*, -i ou *penus*, -us;

26) *in lacu se iactavit por in lacum* "jogou-se no lago" (p. 106), ablativo por acusativo;

27) "radical" por tema (p. 113);

28) *amatus matre* por *amatus a matre* "amado pela mãe" (p. 123);

29) "*puella amanda* = a menina que deverá ser amada" (p. 123), com relação ao gerundivo, o tempo se expressa com mais clareza por meio da conjugação perifrástica, traduzindo-se *puella amanda est/erat/erit* por "a menina que deve/devia/deverá ser amada";

30) "a esta altura do curso, quando a gramática básica do latim já foi

toda percorrida" (p. 179), o itálico é meu, afirmação demasiado animadora, podendo dar ao aluno uma segurança ainda não conquistada.

Obs.: Com relação ao ablativo (14 e 15), as construções por corrigir são próprias de autores pós-clássicos (Bassols de Climent, SL, p. 146 e 136-137). O emprego do mesmo caso sem (18) e com preposição (20), ainda que atestado em autores, está em flagrante desacordo com o ensino da língua clássica. A opção de *advento* no perfeito (23) prescinde do trabalho lexicográfico de L. Quicherat, elaborado sobretudo para a versão. Não se trata de preciosismo, só a quinta parte do elenco mereceria o rótulo, mas não lhe cabe, pois os fatos evidenciam a necessidade de aperfeiçoamento na tradução do português para o latim.

Eduardo Tuffani é professor Adjunto de Língua Latina da Universidade Federal Fluminense, ex-professor da Universidade Estadual Paulista e da Universidade de Brasília, autor de "Os estudos latinos no Brasil", artigo da revista *Classica*, São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, v. 13/14, p. 393-402, 2000/2001.



B I B L I O G R A F I A

BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Fonética latina*. 1. reimpr. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1967.
BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Sintaxis latina*. 2. reimpr. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1967. v. 1.
BESSELAAR, José van den. *Sintaxe latina superior*. In: _____. *Propylaeum Latinum*. São Paulo, Herder, 1960. v. 1.
CART, A.; GRIMAL, P.; LAMAISSON, J.; NOIVILLE, R. *Gramática latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo, T. A. Queiroz, 1986.
DAREMBERG, Ch. & SÁGLIO, Edmond, dir. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Paris, Hachette, s. d. t. 4, v. 2.
DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. Trad. Izidoro Blikstein et alii. São Paulo, Cultrix, s. d.
ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. 3. éd. rev. corr. Paris, C. Klincksieck, 1953.
FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.
FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. 2. ed. rev. aum. Brasília, Fundação de As-

sistência ao Estudante, 1995.
FREUND, Guill. *Grand dictionnaire de la langue latine*. Trad. N. Theil. Paris, Firmin Didot, 1855. t. 1.
GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris, Hachette, 1985.
LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação do Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis, Vozes, 1961.
MAGNE, Augusto. *Grammatica latina*. Rio de Janeiro, Drummond, 1919.
QUICHERAT, L. *Dictionnaire français-latin*. 38. éd. rev. corr. augm. par Émile Chatelain. Paris, Hachette, 1908.
QUICHERAT, L. & DAVELUY, A. *Dictionnaire latin-français*. 45. éd. rev. corr. augm. par Émile Chatel. n. Paris, Hachette, 1908.
SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1993.
TORRINHA, Francisco. *Dicionário português-latino*. 2. ed. Porto, Domingos Barreira, s. d.
ZENONI, G. *Gramática latina*. Tradução e adaptação da vigésima edição original autorizada pelo autor. 3. ed. Cucujães, Missões, 1961.

Pura ourivesaria

□ RONALDO CAGIANO

Em seu último livro *A cabeça*, o premiado escritor mineiro Luiz Vilela reafirma sua experiência criativa em contos céleres e pungentes. Como nos livros anteriores, ressalta o seu domínio da arte ficcional, com a qual mantém uma relação artesanal, de cuidadosa e paciente elaboração. Nessa confecção, nada falta; nem há excessos ou adornos; cada coisa em seu lugar, algo análogo e sintonizado com aquele velho conceito esposado por Cecília Meireles e que deveria ser uma bússola para os novos: "em literatura, temos de ter coragem e cortar o que não presta".

Em sua atmosfera minimalista de construção literária, percebemos que a comunicação se instaura plenamente e a linguagem, cristalina e fluen-

te, combina singeleza na forma e intensidade na trama, tudo distintamente amalgamado por uma melodia e um viés poético. A economia de meios em Luiz Vilela, mais do que uma obsessão ou um estilo, é um caminho, uma atitude estética. Essa meticulosidade – fruto de seu talento, experiência e uma apurada consciência criativa que fazem a diferença – coloca-o num patamar por poucos alcançado. Há um *plus* sensorial, quase metafísico, nos diálogos.

Vilela, em recente entrevista ao *Correio Braziliense*, dá pistas de como chega a esse grau de depuração: antes de concluir suas histórias, lê cada uma em voz alta, sentado ou deitado, captando-lhes as ressonâncias viscerais, para sentir o momento em que se consolida o ponto de ligação da prosa. É aí que o autor encontra a fluência ideal; depois de rigorosa e necessária faxina, que torna o conto enxuto e pronto para ganhar nova vida e outros sentidos nas muitas vozes e olhos que irão incursionar por universos retra-

tados ou transcriados, aí prevalecendo, também, sua habilidade em fotografar o inusitado e o surreal na dicção de personagens curiosos e suas vidas cheias de viés.

Característica marcante em Vilela, sua escritura resgata o coloquial, como expressão de uma intimidade com a humanidade e a natureza das coisas, das re(l)ações, mesmo que em determinados contos haja uma tênue fronteira entre a realidade e a fantasia. Sua obra nos fala tanto da subjetividade e das tormentas individuais, quanto do absurdo da vida, do que há de estranho e casual. Sem valer-se de recursos disparatados (algo muito em voga numa certa literatura urbana, com suas invencionices experimentalóides), sem recorrer a maneirismos e outros atalhos superficiais, Vilela alcança o seu objetivo. Autores como Luiz Vilela, mestres em nos fazer compreender o real e o imponderável sem os atalhos e aparatos das contorções de linguagem – sem o abuso das adjetivações e abstando-se do fluxo hemorrágico e abusivo das construções herméticas –, elevam a literatura brasileira a um alto grau de preciosidade. A simplicidade, a clareza, cristalinidade e digestão de suas histórias não prescindem de densidade; ao contrário, elas se projetam no clima psicológico e intimista das tramas, pois o autor vai desnudando, nos pequenos dramas, a verdadeira face da vida.

A cabeça (Ed. Cosac e Naify, SP, 2002, 136 pp., R\$18,00) é trabalho de pura ourivesaria, marcando o retorno ao conto de um exímio artesão da narrativa contemporânea. Mineiro de Ituiutaba, estreou literariamente em Brasília, com *Tremor de Terra*, premiado no primeiro concurso nacional promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1967, iniciando um vitorioso percurso literário.



DF

ENCARTE DA DF LETRAS

CÂMARA LEGISLATIVA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Ano IV nº 13

Meio ambiente

prioridade na Câmara Legislativa

A proteção ao meio ambiente e aos recursos hídricos bem como o desenvolvimento econômico sustentável do Distrito Federal são temas prioritários e de grande interesse no âmbito da Câmara Legislativa. A Casa possui, inclusive, comissão permanente encarregada de discutir e deliberar sobre proposições relativas às questões ambientais (Comissão de Desenvolvimento Econômico Sustentável, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente).

Diante das constantes ameaças ao meio ambiente local, os deputados distritais vêm buscando a parceria da comunidade, das entidades ambientalistas e de órgãos governamentais, a fim de combater irregularidades e apresentar projetos de lei voltados para a preservação ambiental e a repressão aos abusos na gestão do meio ambiente. Muitos dos parlamentares brasilienses acreditam que a conscientização é uma das principais armas na luta constante contra a degradação ambiental e em prol da preservação. Por esse enfoque, as novas proposições apresentadas na Câmara Legislativa buscam, desde já, adotar novas práticas para associar o desenvolvimento econômico do Distrito Federal às medidas preservacionistas, tendo como pano de fundo a qualidade de vida, sobretudo das gerações futuras.

Aguinaldo de Jesus**(PMDB)**

A gestão apropriada do patrimônio ambiental do DF constitui tarefa complexa, com maiores perspectivas de êxito à medida que existam ações voltadas à consecução eficiente dos diversos projetos de preservação e conscientização social. Sabemos que as atividades humanas produzem impactos ambientais sobre o ar, a água, o solo, a paisagem natural, o ambiente construído, o ambiente socioeconômico e cultural. Portanto, o comportamento e as atitudes ecológicamente corretas dos cidadãos, moldados pela economia e por seus valores culturais, influenciam na manutenção auto-sustentada das condições ambientais favoráveis ao bem-estar social e à vida.

**Arlete Sampaio****(PT)**

A sobrevivência do Parque Ecológico Olhos d'Água, da Asa Norte, depende de proteção das nascentes que estão sendo soterradas por entulhos das obras autorizadas pelo GDF nas entrequadras 212/213 Norte. Diante dessas ameaças, a deputada Arlete Sampaio apresentou projeto de lei que altera a poligonal do Parque e obriga a fiscalização permanente. "Um dos blocos construídos na SQN 212 aterrou um dos braços do córrego do Parque, e o desastre ecológico continua, apesar dos inúmeros alertas da população", disse Arlete. A deputada alega que a legislação urbanística, consolidada no Estatuto da Cidade, já permite à Administração conciliar a dinâmica urbana com a defesa do meio ambiente, prevendo instrumentos de planejamento referentes a permutas de terrenos e operações urbanas necessárias para a viabilização da ampliação da área do Parque.

**Benício Tavares****(PMDB)**

A questão ambiental no DF precisa hoje de cuidado redobrado, principalmente na questão do tratamento de lixo. Em Brasília, menos de 10% do lixo doméstico é reaproveitado. Para melhorar essa situação, a Câmara Legislativa está organizando seminário para discutir a questão da coleta e tratamento de lixo nas cidades e, paralelamente a isso, fazendo levantamento de todas as leis ambientais na capital federal. A intenção é organizar o Código de Limpeza do Distrito Federal, que deve ter a coleta seletiva como principal norma. A partir daí poderemos iniciar gestões para implantação de um projeto de tratamento de lixo em todo o DF. Como deputado, também tenho apresentado projetos que amenizem o impacto da ação do homem no meio ambiente. Um deles determina que hospitais de médio e grande porte do DF sejam obrigados a instalar sistema próprio de tratamento de esgoto.

**Chico Floresta****(PT)**

Há muito, discutir a questão do meio ambiente deixou de ser tema exclusivo de ecologistas, para se transformar no foco de atenção de todos os que estão realmente comprometidos com a sobrevivência do planeta. Pensar e agir em consonância com o ecossistema é viabilizar a única opção de desenvolvimento sustentável que nos resta. Não podemos mais ver o homem como o senhor do meio ambiente, mas sim como parte indissociável deste, com seus direitos e suas responsabilidades. A Semana do Meio Ambiente é um período propício para reflexões e ações voltadas à nossa inserção como protagonistas das mudanças que permitirão salvar nosso planeta e manter o que ainda nos resta de qualidade de vida.

**Anilcéia Machado****(PMDB)**

A preservação do meio ambiente é a maior herança que podemos deixar às futuras gerações. Por isso, todo projeto socialmente responsável, seja ele na área pública ou na privada, deve se preocupar com a área ambiental. Na Câmara Legislativa, tenho procurado estar atenta quanto aos abusos e violações do uso do solo, principalmente em relação às invasões de áreas públicas, muitas delas com depredação de matas virgens, espécies nativas e até mesmo nascentes e bacias hidrográficas necessárias ao abastecimento de água da população. Cabe a nós, parlamentares, lutar pela preservação do meio ambiente, seja por meio da elaboração de projetos de leis voltados para a questão, seja por ações que previnam e reprimam o abuso na gestão do meio ambiente.

**Augusto Carvalho****(PPS)**

Os parques públicos devem fazer parte das políticas públicas de desenvolvimento urbano. Não é à toa que a preocupação com o meio ambiente e a necessidade de estimularmos cada vez mais a economia do turismo têm propiciado o surgimento de parques em todo o mundo. O que falta é vincular a criação de parques às necessidades da população. Por isso, propus a criação do Parque da Asa Sul, reivindicação da comunidade e dos movimentos ambientalistas, propiciador de uma maior democratização das oportunidades de lazer e recreação. Além dos benefícios decorrentes do turismo, tanto em termos de geração de emprego quanto de renda, os parques são prestigiados espaços de lazer da população.

**Brunelli****(PP)**

A preservação do meio ambiente, ao longo dos últimos 15 anos, tem sido promovida por inúmeras entidades governamentais e não-governamentais que entenderam a importância de uma vida saudável, tanto nas cidades como no campo. A tarefa tem sido árdua porque, às vezes, interesses econômicos se sobrepõem à preservação de nossas matas, rios, flora e fauna nativas. Acredito que o Poder Público tem responsabilidade direta e irreversível nesse processo, principalmente na garantia do cumprimento da legislação ambiental e na adoção de campanhas de esclarecimento, especialmente para crianças e adolescentes.

**Chico Leite****(PT)**

Diante do descaso com os recursos naturais do DF, solicitei a realização de concurso público para Fiscal de Controle Ambiental. Mas acredito que é preciso, antes de tudo, estimular a adoção espontânea de um comportamento social em prol do desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, apresentei o projeto de lei que cria o Prêmio Conservação do Meio Ambiente, o qual será conferido, anualmente, a empresas e cidadãos que se destacarem na elaboração de projetos voltados à defesa do meio ambiente. Apresentei, ainda, projeto que institui o Selo Qualidade Ambiental voltado a empreendimentos que adotarem a gestão ecológica em seus processos produtivos, com destinação correta de resíduos, economia de água, reciclagem, revegetação e recuperação de áreas degradadas, além da conservação da fauna e da flora do cerrado.



Chico Vigilante

(PT)

O meio ambiente nunca esteve tão ameaçado no DF. Um exemplo é a situação dos postos de combustível. Do total, cerca de 300 postos do DF, 90% funcionam sem licença ambiental. Situações como essa podem provocar desastres semelhantes ao do posto Brazuca, localizado na subida de Sobradinho. Lá, o vazamento de gasolina poluiu o lençol freático e contaminou os poços artesianos, comprometendo a saúde dos moradores das chácaras vizinhas. A maioria dos tanques dos postos é antiga e desgastada, potencializando os riscos de poluição das nascentes de várias bacias hidrográficas. Afora isso, as nascentes da Bacia do Rio Descoberto, por exemplo, estão ocupadas irregularmente, o que aumenta a probabilidade de escassez de água num futuro próximo.



Erika Kokay

(PT)

Apresentei requerimento para discutirmos, em seminário, o tema Lixo e Cidadania. Sabemos que a produção de lixo está diretamente associada ao crescimento populacional, problema que atinge os grandes centros urbanos, incluindo o DF. Diante desse quadro, impõe-se como emergencial o desafio de gerenciar o lixo, buscando um conjunto articulado de ações baseadas em critérios ambientais e econômicos. Entre essas ações, acredito que é preciso apostar na reciclagem, elegendo os catadores de lixo como parceiros prioritários. Excluídos até hoje, esses trabalhadores devem ter ressaltada sua importância como agentes ambientais. Incorporá-los ao sistema não só contribui para a questão ambiental como para a geração de emprego e renda.



Expedito Bandeira

(PMDB)

A criação da Secretaria de Parques e Unidades de Conservação do DF (Comparques), pelo governador Roriz, é, sem dúvida, um feito importante para a preservação do meio ambiente e para a manutenção do equilíbrio ecológico. Foi o que afirmou o deputado Expedito Bandeira (PMDB) ao demonstrar sua preocupação com os problemas relacionados ao tema. "Quero parabenizar o governador Roriz pelos investimentos que vêm sendo realizados na recuperação e despoluição dos mananciais e do Lago Paranoá. A criação de diversos parques ecológicos tomam o Distrito Federal um local ideal para se viver, o que faz com que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do DF seja um dos melhores do Brasil", afirmou o distrital. O parlamentar disse ainda que as pessoas devem se conscientizar do mal que fazem as queimadas e o manejo indiscriminado das lavouras ao equilíbrio do ecossistema do cerrado.



Jim Argello

(PMDB)

É necessário hoje buscar alternativas que possam conciliar a proteção ao meio ambiente com os recursos naturais e o atendimento às demandas da população por moradia, trabalho, educação e lazer. No DF várias ações governamentais têm buscado a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Temos trabalhado pelo aumento do número de áreas verdes, parques e jardins de uso coletivo. A despoluição do Lago Paranoá devolveu aos brasilienses o usufruto desse imenso potencial de lazer e de recursos naturais. A aprovação da Lei de Política Florestal do DF, de nossa autoria, tem garantido a preservação da fauna e da flora nativas do cerrado. A Câmara Legislativa vem cumprindo sua parte na defesa do meio ambiente. Contamos com a contribuição de cada morador do DF para que a capital do país também se torne referência em preservação e respeito ao meio ambiente.



Eliana Pedrosa

(PFL)

Mesmo com a crescente preocupação dos governos e da sociedade com as questões relacionadas ao meio ambiente, percebemos que o tema ainda é visto de forma romântica e com certo distanciamento prático. Ao mesmo tempo em que defendemos a importância da preservação das florestas e das espécies ameaçadas de extinção, esquecemos os atos simples para evitar o desperdício de água e energia em nossas próprias casas. Se não forem adotadas novas práticas que associem desenvolvimento à preservação ambiental, o futuro da humanidade estará seriamente ameaçado. É fundamental que a classe política, representante legítima da população, tome a dianteira desse processo, colocando o tema na ordem do dia. É o que tenho feito na Câmara Legislativa, discutindo com a sociedade e implementando ações para frear a degradação ambiental no DF.



Eurides Brito

(PMDB)

Sempre me preocupei com a questão do meio ambiente no Distrito Federal. Por isso mesmo, desde que assumi meu mandato como deputada distrital, tenho buscado contribuir para uma maior conscientização da comunidade sobre o assunto. Já aprovei uma lei que transformou o Colégio Agrícola de Planaltina em parque ambiental. Uma de minhas propostas em andamento na Casa – o Projeto Classes Transplantadas – visa levar estudantes de ensino fundamental e médio do DF a integrarem-se mais com a área rural, desenvolvendo atividades ligadas a agricultura, horticultura, desenvolvimento sustentável e turismo. Acredito que, quanto maior a convivência dos estudantes com a natureza, maior a preocupação deles em preservar o meio ambiente.



Fábio Barcellos

(PFL)

A preservação do meio ambiente é, sem dúvida, prioridade, na medida em que diz respeito à qualidade de vida das pessoas. Apresentei projetos de lei destinados à preservação de áreas verdes no DF. Como exemplos, destacam-se o Projeto de Lei Complementar nº 29/2003, que cria o Parque Ecológico das Sucupiras, no Sudoeste/Octogonal, e o PLC nº 61/2003, que cria o Bosque da Área Octogonal Sul. Pretendo, como deputado distrital e cidadão que pensa não só na atual mas também nas futuras gerações, trabalhar a fim de proporcionar lazer e recreação à população, bem como a oportunidade de ter contato harmônico com a natureza. Nosso gabinete está aberto a sugestões, para que possamos fazer de Brasília uma cidade onde se possa viver com mais dignidade.



Ivelise Longhi

(PMDB)

Preservar o meio ambiente é a arte de conciliar interesses aparentemente contraditórios oriundos de demandas dos diversos atores da sociedade. É necessário aliar os anseios desse público ao bom senso. Alguém já disse que as principais razões do desequilíbrio ambiental são a pobreza e o mau uso da riqueza. Daí a importância de promover o crescimento ordenado em harmonia com a natureza, garantindo e gerando riquezas. O uso ambiental que ambiente preservado é aquele que tem diminuídas as diferenças entre iguais. No momento em que estamos elaborando o Zoneamento Econômico e Ecológico (ZEE) do DF, base fundamental para alimentar os Planos Diretores, esses devem ser princípios norteadores, de forma que possamos viver com os pés no presente e o olhar nas futuras gerações.



Jorge Cauhy**(PFL)**

Condomínios são uma realidade no DF. Esses loteamentos, muitas vezes, estão localizados em bacias hidrográficas, Áreas de Proteção Ambiental e terras do GDF e da União. Criei o Projeto de Lei nº 882/99, que determina que a autorização para instalação de ligações de água, energia elétrica e telefone depende não somente da apresentação, mas também da aprovação do Plano de Ocupação, à Administração Regional da cidade. Vale lembrar que, para a criação de um condomínio, devem ser seguidas não só as determinações dessa lei, mas também de toda a legislação em vigor. Com a medida será possível evitar a ação de grileiros, sem com isso prejudicar os milhares de habitantes de boa-fé que têm nos condomínios a única forma de realizar o tão sonhado sonho da casa própria.

**Odilon Aires****(PMDB)**

A proteção ao meio ambiente é um imperativo, pois é dever de todos lutar contra a degradação dos bens naturais. É com essa intenção que tenho apresentado projetos para evitar a destruição da natureza. Entre tais proposições encontram-se a Lei nº 3.296/2004, que obriga o recolhimento dos entulhos da construção civil em local próprio, determinado pelos órgãos ambientais, e o projeto de lei que proíbe a comercialização de pneus usados importados em todo o Distrito Federal. Também apresentei proposição visando disciplinar a circulação e a venda de produtos transgênicos no DF, que deverão ser identificados nas prateleiras dos mercados e supermercados, para permitir que a compra seja uma opção do consumidor. Acredito que, assim, estarei dando minha contribuição para a preservação do meio ambiente.

**Pedro Passos****(PMDB)**

Muito se fala hoje sobre a preservação do meio ambiente, principalmente no que diz respeito aos parques ecológicos. Localizado a 10 quilômetros do Plano Piloto, o Parque Nacional de Brasília é responsável por 30% do abastecimento de água da cidade, além de ser uma opção de lazer e recreação. O DF destaca-se por ter cerca de 40% do seu território reconhecido como área de conservação ambiental, abrangendo inclusive parte do segundo maior bioma do país, o cerrado. Diante da importância da biodiversidade existente na capital da República, a Câmara Legislativa e o GDF devem continuar desenvolvendo ações junto aos segmentos organizados que busquem a qualidade ambiental, a preservação do ecossistema do cerrado e a promoção de políticas públicas incentivando as melhores formas de conservação.

**Vigão****(PP)**

Em meados da década de 80, neologismos como ecoturismo, conceitos como desenvolvimento sustentável e debates sobre os destinos da Terra, assim como o impacto das atividades humanas, o direito de uso dos recursos naturais e leis sobre o meio ambiente entraram para a pauta internacional, tornando-se temas recorrentes nos fóruns de todo o mundo. De lá para cá, a consciência dos conflitos entre a preservação ambiental e a necessidade de progresso acirrou os discursos. O uso racional de nossas potencialidades naturais, sem preservacionismo romântico, num mundo em que milhões de pessoas vivem em condições de absoluta miséria é o desafio do nosso tempo.

**José Edmar****(PMDB)**

Um dos capítulos mais desenvolvidos e bem estruturados da nossa Lei Orgânica é o que trata do meio ambiente. O Distrito Federal dispõe do conjunto de normas legais que devem, numa sociedade moderna, reger essa relevante questão. Segundo nossa Carta Magna, é imperativo que as leis e demais condições que se relacionam com o meio ambiente permitam, abriguem e rejam a vida em todas as suas formas. Importante, então, destacar que a vida humana não pode jamais ser excluída dessa preocupação; aliás, deve ser a maior e a primeira delas, pois de nada valerá considerar a natureza sem a referência maior, a de proteção à vida.

**Paulo Tadeu****(PT)**

O DF se localiza num terreno rico em mananciais hídricos e com importantes reservas do cerrado. Para a conservação desses recursos naturais, boa parte do DF foi considerada Área de Proteção Ambiental. Assim, a participação da Regional do Ibama tem sido exigida nas decisões que afetam o meio ambiente, pois colocou um freio na convivência com irregularidades que eram cometidas pelo governo local. A concessão criteriosa de licenças ambientais pelo Ibama/DF, como no caso da Cidade Digital, do Varjão e do Pólo JK, está de acordo com o que determina a lei. Criticar esse processo significa regredir a um tempo em que o progresso econômico traduziu-se na degradação do meio ambiente.

**Peniel Pacheco****(PSB)**

É característica da atividade humana produzir desequilíbrios no meio ambiente, que resultam, quase sempre, em tragédias, a exemplo do que aconteceu em Londres (1952) e Chernobyl (1986), onde milhares de pessoas morreram, vítimas de poluentes do ar e de agentes radiativos. No Brasil, ainda não se tem dado a atenção devida às questões ambientais. Prova disso é a biopirataria do nosso patrimônio genético, as queimadas criminosas na Amazônia, a poluição de mananciais por mercúrio, entre outros. No DF, essas questões são tratadas com o mesmo descaso. Basta acompanhar as notícias publicadas recentemente, sobre os aterros de nascentes e as irregularidades na ocupação da orla do lago Paranoá.

**Wilson Lima****(PMDB)**

Diversas são as forças que contribuem para a devastação da fauna e da flora e representam constante ameaça ao ecossistema. Por outro lado, agentes de defesa e preservação tentam proteger o que há de mais precioso na vida animal e vegetal, empenhando-se na busca permanente de preservar e renovar a qualidade da água e do ar que respiramos. Apresentei vários projetos, como o que proíbe o consumo de fumo nas escolas públicas e privadas do DF e o que propõe a criação do pólo de embalagem e reciclagem de Santa Maria, para aproveitamento industrial de entulhos e resíduos, implementando o sistema seletivo de lixo das oficinas mecânicas, empresas químicas e metalúrgicas do DF. É de minha autoria, também, o projeto que originou a Lei nº 2.947/2002, que proíbe a comercialização, o porte e o manuseio de lanternas de raios laser no DF.



Aposentadoria

□ FLÁVIO R. KOTHE

No mês que vem eu me aposento. Não agüento mais o meu emprego. Ou saio dele ou morro enfartado. Saindo, fico enfarado. Meu corpo já não obedece mais à minha vontade. Nada mais tenho a fazer. Já posso morrer. Devo deixar espaço aos mais novos, mesmo que eles não mereçam meus aposentos. Morrer é a obrigação primária de quem não serve mais para nada.

Dizem que eu deveria cuidar dos netos. São dois. Moram nos Estados Unidos. Bem longe daqui. Meus filhos mudaram todos para lá. Minha esposa também. Trabalham em hotéis, repondo o que falta no frigobar das suítes, carregando malas, levando comidas da cozinha para os quartos e fazendo tudo o que lhes for mandado. Aprenderam comigo a obedecer sem reclamar. Não lhes ensinei uma profissão, ensinei uma atitude.

Só com as gorjetas ganham mais do que ganhariam aqui. Tentei viver lá, eu poderia até encontrar alguns pianos para afinar, mas não me acostumei. Já estava velho demais para mudar de país e de língua. Mas aqui não me sinto mais em casa e não converso com quase ninguém. Deixei até de freqüentar o bar do meu amigo Lelé. A cerveja estava me matando. Devo morrer, mas não quero me matar.

Não estou bem sozinho. A baiana cor de jambo que cuida do meu apartamento faz também a caridade de ir às vezes para a cama comigo. Quando toma bastante cerveja, fica mais fogosa. Imagino que esqueça então que está comigo, mas talvez eu esteja sendo injusto com ela.

O meu vizinho Sôni aposentou-se há alguns anos. Fazia jóias. Enquanto ainda lhe davam uns bisca-

tes para fazer, caminhava com a testa erguida. Depois que as mãos dele começaram a tremer, não conseguia mais segurar as ferramentas. Teve de parar. Todo ele parou com as mãos. O cérebro dele virou uma gelatina.

Verdade é que Sôni nunca foi muito inteligente. Era um homem bonito, muito bonito, com um sorriso simpático. Tão bonito quanto burro, ou tão burro quanto bonito. Deus lhe deu uma bela aparência, e nenhum recheio. Sacanagem de Deus. Dar as castanhas a quem não tem os dentes. E nem sabe usar os dedos.

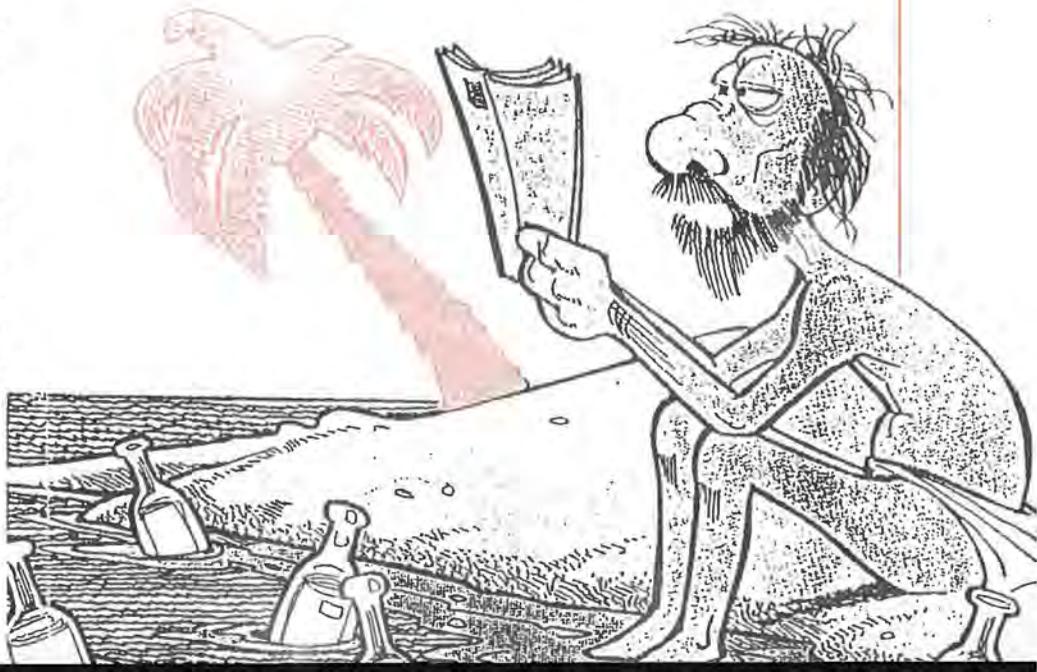
Ao se aposentar, Sôni não soube encontrar consolo nos trabalhos que havia feito. Era como se os clientes lhe tivessem tomado as jóias que ele fizera. Tudo tornou-se perda e desastre. A maior perda era não sofrer mais perdas, porque não tinha mais nada a perder, porque nada mais conseguia fazer.

Desde pequeno Sôni aprendeu que quem não trabalha não come. Como ele não trabalha mais, não quer mais comer. Isso tem sua lógica. Só come forçado. Por insistência da esposa e do filho mais velho. Come um mínimo para que eles não

se incomodem mais. Fosse pelo filho mais novo, ele já estaria morto.

Até na água do banho ele quer poupar. E no sabonete. Acha que nenhuma água e nenhum sabonete irão conseguir limpar a nódoa que ele próprio é. Acha que não vale a pena gastar nada com ele que já não serve pra nada. Quer morrer, mas não tem coragem de se matar. Não pendura uma corda nem numa bananeira. Não quer piedade. Está com quarenta quilos de peso. Se puder, diminui mais ainda, até desaparecer por completo, como água sobre laje quente. Talvez o corpo lhe arranje uma doença que o leve logo. Será um alívio para todos, principalmente para ele.

Eu não tenho tanta raiva de mim. Tenho raiva de muitos parasitas que vejo por aí, guardando carros nos estacionamentos, vendendo chiclete nos cruzamentos, acenando bandeiras de candidatos nas épocas de eleição, ou roubando e furtando e matando. Tudo gente inútil, desnecessária. Poderiam ser eliminados, e todos poderiam respirar melhor. Menos aqueles que se fingem de bonzinhos e são os piores de todos.



O anjo da morte

□ AGLAIA SOUZA

Abriu as asas, olhou o abismo e desceu o despenhadeiro, no encalço de mais um mortal.

Em sua agenda já estava programada a criatura que deveria trazer de volta ao lar, com o seu endereço anotado em caprichosa letra.

Quando pousou na grama úmida, seus pés acostumados às nuvens se encolheram de frio. Olhou ao redor, viu um cavalo e algumas vacas pastando. Um pouco mais ao longe, uma casinha de sapê, onde fumegava um fogão a lenha, e recendia a feijão. Alguém devia estar preparando o parco almoço, do qual talvez nem constasse carne, quando muito um pedaço de orelha de porco para dar sabor à leguminosa que cozinhava.

Procurou no bolso do balandrau e encontrou suas anotações, confirmando o endereço, que não era bem um endereço, apenas uma informação geográfica, com latitude e longitude devidamente apontadas.

Conferiu o nome da pessoa que buscava, a idade, o sexo, balançou a cabeça afirmativamente, resmungou algo inaudível aos

seres humanos, provavelmente na língua dos anjos, e caminhou, depois de esconder as asas sob o manto.

Ao chegar perto da casa, viu que a porta, de uma só folha, estava totalmente aberta, como costuma ficar nas moradias mais pobres. Mesmo assim, bateu, aguardando o dono vir atender. Não vejo ninguém, apenas ouviu, vinda do interior, uma voz:

- Pode entrar! Não faça cerimônia.

Sem compreender bem a hospitalidade da pobreza, pisou no batente muito timidamente, olhou para dentro, apertou os olhos para acostumar-se com a escuridão, e cumprimentou:

- Bom dia, irmã!

- Dia! Irmã? O senhor é crente?

- Crente? Sou obediente! A gente só crê enquanto ainda não sabe. Depois que prova a verdade e sabe o sabor, obedece.

- O quê?

- Deixa para lá! Eu gostaria que a senhora me ajudasse, pois estou perdido por estes sertões.

- Ó, meu filho, eu não posso ajudar! Não vê que sou cega? E se lhe chamei de filho é porque sua voz é de jovem. Certo?

- Ah, nem sei mais a minha idade! Mas, como o espírito não tem idade...

- É o que dizem. Mas, sente-se, vamos almoçar, está na hora.

- Como é que a senhora sabe as horas?

- Ah, meu filho, é pelo sol. Eu acordo quando ele bate na minha cama...

Ele olhou ao redor, e identificou, a um canto, um catre como a denominada cama. E começou a entender a linguagem da cabocla, que imaginava mais do que ele via.

- ...aí, eu começo o meu trabalho, e quando acabo de fazer o almoço, já é a hora de almoçar.

Ele sorriu da simplicidade dela. Como devia ser fácil viver, assim!

- Sente-se, sirva-se.

- O que é isto que a senhora cozinhou?

- Vai dizer que não conhece feijão tropeiro! De onde o senhor veio, não tem, não?

- Ih, eu vim de muito longe. Lá para aquelas plagas não tem esta comida tão cheirosa, não.

- Então, lá não tem graça nenhuma! Onde já se viu comer sem feijão?

Ele deu uma boa risada, mas que soava, a ela, como um carilhão.

- Nossa! Que voz bonita que o senhor tem! Agora é que eu reparei.

- Bem, lá pode não ter feijão, mas tem tanta coisa boa! Garanto que a senhora, lá, até podia voltar a ver. Não gostaria?

- Para quê? Eu já nasci assim, nunca vi nada, nem sei como é. Estou acostumada a fazer o meu servicinho todo, não preciso de ninguém para me ajudar.

- Sabe que a senhora é uma vencedora? Uma mulher de fibra?

- O que é isso?

- Ah, não repare, não, eu estou falando difícil, desculpe.

- Mas, aonde é que o senhor queria chegar?

- Na verdade, acho que já cheguei a meu destino.

- Ué, então o senhor estava procurando era a minha casinha? Mas eu nem lhe conheço. Como é o seu nome, mesmo?

- lelehiah. E o seu?

- Eglantina, a seu dispor.

- Eglantina, era você mesma que eu procurava. Mas, engraçado, nos meus apontamentos não dizia que você não enxergava...

- Ué! Você já me conhecia? Eu nunca ouvi falar de você...

- Pois eu já sabia que você vivia aqui, sozinha, sem vizinhos

próximos, só animais domésticos ao seu redor. Por falar nisso, como é que você consegue alimentá-los?

- Ora, eu deixo o cavalo e as vaquinhas soltos, pastando o quanto queiram. O gato...

Aí é que ele percebeu que, embaixo da mesa, havia um gato enroscado, cochilando.

- ...come o mesmo que eu. Os passarinhos, não são meus. Vivem por aí, no ar, e comem as frutas que encontram. É fácil, não?

Ele concordou com a cabeça, esquecendo que ela não poderia vê-lo. Desta maneira, era tão fácil viver! Até ele conseguiria viver entre os mortais. Mas, para ele, isso seria a morte! Afinal, ele vivia na eternidade.

Ela saiu, para lavar a louça na bica que havia do lado de fora da casa, numa bacia que ele havia visto ao chegar.

Ficou pensando:

- Esta mulher é que merece a eternidade. Eu nunca fiz nada para merecer o meu lugar. Como Eglantina e sua cegueira, eu já nasci assim, nunca soube o que é ser mortal.

Saiu na ponta dos pés, para não ser detectado, rodeou a casa, chegando a um jardinzinho todo florido, que ela nunca conseguiu ver, mas que regava diariamente, pensando nos beija-flores que vinham beber o néctar, nas abelhas que buscavam a matéria-prima para o seu mel, e nas minhocas que fertilizavam o solo. Ajoelhou-se, e clamou:

- Senhor! Dá-me a mortalidade, em troca da eternidade

para Eglantina!

Na mesma hora, a mulher, que vinha voltando para casa, curvou-se, dobrando os joelhos, derrubando a bacia que carregava, enquanto se apoiava no portal.

- Senhor! Se está na hora de eu lhe encontrar, que seja feita a Sua vontade!

Ela sempre sabia as horas! O sol enfraquecido do entardecer fez-lhe saber que era o momento da ave-maria.

Entregou sua alma ao Criador, e sua casa a lelehiah, que deu sua imortalidade em troca do paraíso para Eglantina.

O sol acabou de morrer no poente. lelehiah recolheu a louça derrubada no chão, tomou Eglantina nos braços, e encerrou sua missão.



P I O N

ESSE TEXTO, QUE ATÉ ENTÃO PERMANECIA INÉDITO, FOI ESCRITO PELO PIONEIRO CLEMENTE LUZ, A MEU PEDIDO, PARA A EDIÇÃO DE UM DIÁRIO DA CIDADE QUE PREPARÁVAMOS SOBRE O NATAL, EM 1995. A IDÉIA ERA ILUSTRAR A EDIÇÃO COM DEPOIMENTOS DE PERSONALIDADES QUE DESCREVERIAM UMA EXPERIÊNCIA MARCANTE DA ÉPOCA DAS FESTAS.

A EDIÇÃO SOFREU UMA REVIRAVOLTA, MAS RESOLVI GUARDAR O TEXTO QUE ME FORA GENTILMENTE ENVIADO VIA FAX, E POR ESSE MOTIVO QUASE DESAPARECEU PARA SEMPRE DEVIDO À DURABILIDADE DO PAPEL TERMOSENSÍVEL NO QUAL ESTAVA IMPRESSO.

GRAÇAS A UMA POTENTE FOTOCOPIADORA, PUDAMOS RECUPERÁ-LO E AGORA DIVIDI-LO COM OS LETTORES DA DF LETRAS, QUE CERTAMENTE VÃO RECORDAR O ESCRITOR CLEMENTE LUZ E A EPOPÉIA QUE FOI A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA.

(MARCO TÚLIO)



E I R O

□ CLEMENTE LUZ

Apesar de sua universalidade, o Natal tem características regionais e, mesmo, pessoais. Cada um de nós tem, do Natal, a sua lembrança específica, marcada às vezes por pequenos episódios, que, na sua insignificância, trazem a grandeza da manjedoura de Belém.

O fato marcante do Natal em minha vida se deu em 1958, quando estava ainda em processo de instalação o imenso canteiro de obras, para a construção da Nova Capital, ou seja, Brasília. Quem pôde, viajou em busca dos seus lares, nos quadrantes do Brasil. Viajou de avião, de caminhão, de carroça, de carro de boi ou a pé.

Não pude arredar pé, por motivos diversos, inclusive pela condição de redator de plantão da Rádio Nacional de Brasília. Também não saíram vários amigos e companheiros de serviço. E todos queriam festejar, de algum modo.

Alguém teve a idéia da árvore de Natal. Mas cadê pinheirinho nórdico, cadê enfeites próprios?

Sugeri o uso de um arbusto do cerrado, todo retorcido que, de repente, se transformou numa simpática arvoretinha natalina. Cada um de nós trouxe alguma coisa de seus alojamentos, da venda do Menezes, a única existente no Plano Piloto, ou de fazendas vizinhas. O resultado foi estonteante: à luz da noite vespéral, com energia fornecida pelos geradores da Novacap, pudemos sentir a presença do sobrenatural, no estouro da meia-noite, no brilho das pobres garrafas de pinga, dos louros frangos assados e dos nossos próprios olhos ávidos de ternura, embriagados de passado e escancaradamente abertos para o futuro, que começava a nascer naquele instante, no imenso e desértico Planalto Central.

Domingos Carvalho da Silva



Domingos Carvalho da Silva nasceu em Vila Nova de Gaia, Portugal, em 21 de junho de 1915. (Registro a coincidência de, no mesmo dia, nascer, no outro lado do Atlântico, em Conceição do

Piancó, na Paraíba, outro futuro escritor do lusitano idioma, Ascendino Leite, que se notabilizaria como crítico, romancista e memorialista.) Aos 9 anos, concluído o primário na cidade do Porto, Domingos transfere-se para o Brasil. Será sua nova pátria a Paulicéia, onde cursa o secundário e se bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Naturalizou-se brasileiro, e o foi, sobretudo, pela vida aqui vivida, pela família aqui constituída, pela dinâmica e constante presença em nosso mundo cultural, como poeta e prosador, fundador de revistas, editor de obras clássicas, membro da Academia Paulista de Letras, co-fundador, estimulador e presidente de diversas entidades culturais em Brasília.

*Um dos próceres da Geração de 45, foi quem lhe deu a denominação. De suas muitas órbitas de criação avulta a do poeta, que publicou, depois da estréia com *Imensidade, Bem-amada Ifigênia, Rosa extinta, Praia oculta, Espada e flâmula, O livro de Lourdes, Girassol de outono, A fênix refratária e Outros poemas, A margem do**

e seus universos paralelos

□ ANDERSON BRAGA HORTA

Julia Lagador

tempo e *A viagem de Osiris, Vida prática*, e reuniu o que reputava o melhor desses livros em *Múltipla escolha*, de 1980. Quatro anos mais tarde publicou o poema dramático *Liberdade Embora Tarde*. Como tradutor de poesia, responde por *20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, do chileno Pablo Neruda, *Romance do Rincão de Ramírez*, do uruguaio Carlos Manini Rios, que residiu em Brasília como diplomata e aqui manteve intenso relacionamento intelectual, e *Poemas Necessários*, do espanhol Angel Crespo. Traduziu também *As Mil e uma Noites*, parte em verso, além de poemas avulsos, incluídos em obras alheias. Foi, por sua vez, traduzido para o italiano, o inglês, o castelhano, o alemão e o francês.

Grande estudioso de poesia, notabilizou-se na crítica e no ensaio, com *Rodrigues de Abreu, Introdução ao estudo do ritmo na poesia modernista*, *Vozes femininas na poesia brasileira*, *Gonzaga e outros poetas*, *Eros e Orfeu*, *A presença do condor*, e *Uma teoria do poema*. Foi, ainda, contista de mérito, com *A véspera dos mortos*. Restam-lhe inéditos *Órbita solar* (poesia) e um livro de memórias, de que deu notícia aos amigos mas não sabemos se chegou a concluir.

Transitou, como vemos, por universos paralelos que têm de comum o *fiat!* da Poesia.

Sirvam estas breves linhas quase burocráticas de intróito à homenagem que desejamos prestar ao escritor de pródigas letras, ao mestre de espírito ágil e vívido, ao amigo que nos deixou recentemente, vítima de cruel doença que desde alguns anos o afastara de nosso convívio.

Faleceu aos 87 anos, às 6 horas da manhã de um sábado, 26 de abril, no Hospital Bandeirantes, em São Paulo, após 24 dias de internação, segundo nos informa seu filho mais velho, Eduardo Sérgio Carvalho da Silva. Foi velado na Academia Paulista de Letras e sepultado às 10 horas de domingo no Cemitério São Paulo, em Pinheiros.

Domingos foi casado com Dona Inês, falecida anos antes dele. Seu segundo filho, Wladimir Carlos, morreu prematuramente, fato que deu origem às elegias de *Rosa extinta*. O terceiro, Gilberto Sérgio, finou-se aos 7 anos, em 1952. O caçula é Antônio Fábio, que vive em Florianópolis. Deixou cinco netos e dois bisnetos.

Não me estenderei sobre os múltiplos aspectos de sua personalidade e de suas realizações literárias, já por de domínio público, já por não caberem nos modestos limites desta oração. Penso que são sobejamente conhecidas e que, neste momento, basta sumariá-las, como o



fizemos, para avivar na memória alguns dos traços marcantes de sua figura de intelectual complexa e única. Quero, hoje, tão-somente, exaltar o poeta a cuja obra farei sucintos comentários, mais a pretexto de lembrá-la; assinalar a importância de sua vivência brasiliense e de sua contribuição cultural a esta cidade; reverenciar a memória do amigo e recordar-lhe facetas menos conhecidas, para muitos, talvez, até insuspeitadas.

A Geração de 45, sob cujo rótulo se reúnem poetas tão diferentes como Dantas Mota, Bueno de Rivera, Lêdo Ivo, Mauro Mota, João Cabral de Melo Neto, e Péricles Eugênio da Silva Ramos, tem sido objeto de generalizações às vezes perigosas. Domingos Carvalho da Silva, que foi um de seus nomes principais, está, *ipso facto*, na alça de mira dos generalizadores.

Uma das coisas que lhes imputam, mercê do cuidado com a forma de que faziam bandeira, é um suposto retorno ao parnasianismo *stricto sensu*, com seu distanciamento da realidade, como novos inquilinos da Torre de Marfim. No caso de Domingos, tal afirmação se esboroa desde a leitura de seus primeiros livros. Veja-se, por exemplo, o "Canto em Louvor da Poesia", que figura em *Rosa extinta*, de 1945, e de que ressalta este dístico:

*quero a palavra do povo
transfigurada em poema.*

Veja-se, no mesmo sentido, "Momento com a poesia", de que transcrevo as duas últimas estrofes:

*Nasce uma estrela-do-mar
sobre as searas de trigo.
Todos os homens se abraçam
neste momento do poema.
Da rosa nasce meu filho:
seus braços não têm algemas.
Asas brancas da Igualdade,
este é o momento do poema!*

Para que não se pense em excepcionalidade, vamos a terceiro exemplo, ainda de *Rosa extinta*, nestes trechos de "Com a poesia no cais":

*De macacão operário
e chave inglesa na mão,
convocarei a poesia
para um passeio ao crepúsculo.*

.....
*Deixai-a ver esses negros
que puxam café no cais!
Deixai-a ver os tropeiros,
aradores, ferroviários!
Deixai-a entrar numa usina,
andar num trem de subúrbio
e ver saltar do andaime
para a morte, um operário!*

*Então a poesia pura,
de pés banhados em sangue,
sentirá que a luz da aurora
lhe circunda a fronte loura.
A brisa lhe afaga os seios
num sopro de humanidade.
E ela abrirá seus braços
de olhos fixos em Gomorra,
com o seu corpo de sal
suspenso acima da terra
que está gerando à distância
o dia novo que nasce.*

Espada e fâmula (de 1950), que tem por subtítulo, entre parênteses, *Poemas de circunstância*, enfeixa composições de cunho social, o que se pode ver desde alguns dos títulos: "Hino à liberdade renascida", "A Espanha renascerá", "Saudação à Itália antifascista".

De outra parte, "Lirismo" (*O livro de Lourdes & alguns poemas avulsos*, 1952), que mereceu tradução de Bertolt Brecht, condensa e mostra, sob um sábio despojamento verbal que o intensifica, um drama embebido de empatia:

*Ela subiu à montanha
com uma rosa na mão.*

*Contemplou o mundo à distância
com uma rosa na mão.*

*Depois se atirou no abismo
com uma rosa na mão.*

*E foi sepultada ontem
com uma rosa na mão.*

Em *Praia oculta*, conforme o disse há tantos anos, em comentário a *Múltipla escolha*, ganha corpo uma imagística algo surrealista, de que se pode tomar por

paradigma a primeira estrofe de "Antecipação":

*As patas da noite esmagam
os lírios débeis da aurora,
Por invisíveis estradas
negros cavalos galopam.
Ao longe brilham dois lagos
da cor triste de teus olhos.
Dunas de angústia se formam
nas praias frias da morte.*

A renovação do soneto, que empreenderam os de 45, é em parte responsável pela etiqueta "neoparnasianos", outro equívoco, particularmente no tocante ao poeta de *Girassol de outono*, onde vamos colher este exemplar, que inicia a série "Papoulas e este-nógrafas":

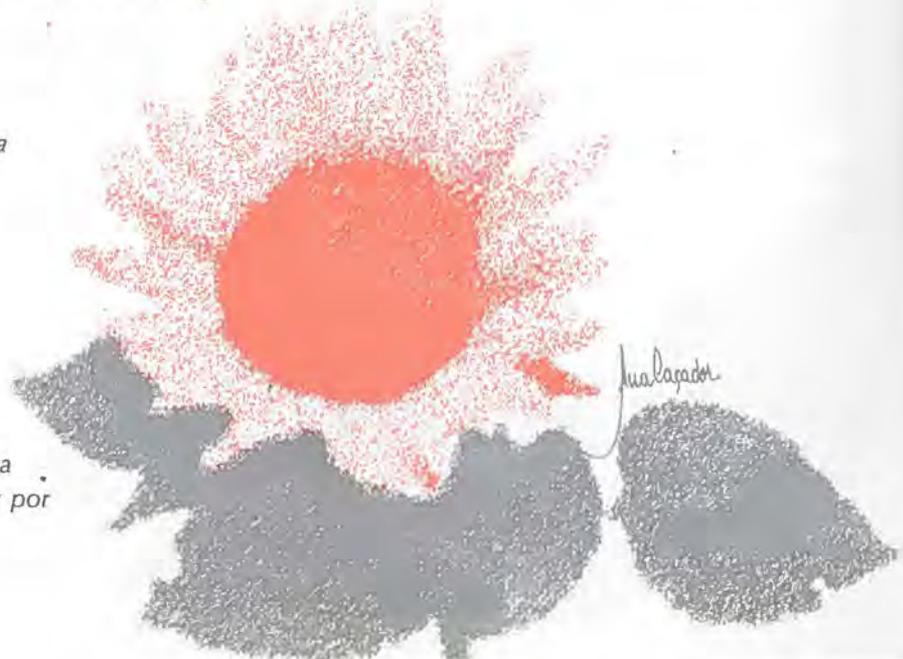
*Procurarei palavras pela rua
e, de palavras só, farei meu poema.
Versos hão de luzir como um diadema
de estrelas circundando a fronte à lua.*

*Dos gatunos terei giria e gazua.
Das virgens mãos trançadas no cinema.
Dos leprosos a pragã e o apostema.
Da prostituta a carne fria e nua.*

*Entre rodas dentadas, sempre brancas
hão de as rosas morrer e as açucenas.
Girassóis vão girar entre alavancas.*

*Em feiras e oficinas terei lavras
do poético metal, pois tudo é apenas
mineração e liga de palavras.*

O segundo verso e o terceto final hão de ter parecido a alguns confissão de parnasianismo. Os outros versos, todavia, o desmentem, qual o desmente a versificação do autor, rica em hiatos antiparnasianos, eclipses não-canônicas, fortíssimas sínopes, dodecassílabos não-alexandrinos. Grande sonetista embora, como o afirmei





De macacão operário e chave inglesa na mão, convocarei a poesia para um passeio ao crepúsculo.

alhures, não é sob a forma soneto que vamos encontrar as suas mais altas realizações. Seu verso nervoso, sarcástico, participante – medido ou não – parece mais à vontade em formas menos fixas. Lúcido, em geral sem grandes arroubos de paixão, mas nunca impassível, é este um poeta oscilante entre o espírito clássico e o romântico, não me parecendo compreensível imobilizá-lo numa ou noutra tendência.

Nem sei que haverá de parnasiano, em fundo e forma, no belo “Poema terciário”, de que leio a primeira estrofe.

*Cavalos já foram pombos
de asas de nuvem. Um rio
banhava o rosto da aurora.
Cavalos já foram pombos
na madrugada do outono.*

Domingos Carvalho da Silva tinha a reputação de ser um temperamento difícil. Sarcástico, polêmico, seria, diz-se – como ele mesmo dizia de Oswald de Andrade – que seria capaz de sacrificar uma amizade por um *bon mot*... Em questões literárias, especialmente as que envolvessem juízo de valor, era inflexível. Nas assembleias de que participasse era rigoroso no exigir o cumprimento das normas. Um retrato severo, o que dele se traça.

Na intimidade, porém, a severidade cedia lugar a uma quase-bonacheirice. (Também não vamos querer pintá-lo como um cordeiro, isso é que nunca! Em meio a amena conversação, olé! eis que mandava uma farpa...) Adorava contar piadas, e as contava com graça. Entre amigos, era capaz de pegar de uma viola e sapear umas canções brejeiras.

Dessa vertente invisível aos “de fora” rolavam, às vezes, versos brincalhões como estes com que me obsequiou, datados de 8.7.1975:

POETA ANDERSON BRAGA HORTA

*Filho das Minas que, com ipês altos,
Deram ao sol resposta de outro sol,
Abriste com teu nome o claro rol
Dos poetas que iluminam o Planalto.*

*Riscados nos sertões mapas de asfalto,
Por eles vieste em busca do arrebol
Da cidade que tem, por girassol,
O sol que a segue em prados de cobalto.*

*Sendo o signo da rosa o logaritmo
Com que medes as teias do teu ritmo,
A chave do soneto de áurea porta,*

*Teu nome de contista escandinavo
Faz florescer em cada cravo um cravo,
Ipês em Braga, girassóis em Horta.*

Revidei com este soneto de 2.10.1976:

DCS

*Bem-Amada Ifigênia. Rosa Extinta.
Espada é Flâmula. Antes, Praia Oculta.*

*Mais tarde, um Girassol de Outono pinta.
Enfim, a Fênix Refratária avulta.*

*Mais – entre ensaios, traduções e contos
anda o poeta a voar com toda a corda.
E, se nas letras vai contando pontos,
fora das letras ainda pinta e borda.*

*É um carvalho da silva nos domingos,
mas de segunda a sábado ele afeta
ser planta do cerrado empireumática.*

*E – pra pormos de vez nos ii os pingos –
é exemplo quase único de poeta
que sói ser bom também na Vida Prática.*

Feito esse parêntese lúdico, sublinhemos, para fechar a homenagem, a contribuição de Domingos Carvalho da Silva ao desenvolvimento cultural de Brasília. Aqui veio, pela mão de Almeida Fischer, para lecionar Teoria Literária e Literatura Brasileira na UnB, tendo-o feito de 1966 a 1990. Foi co-fundador da Academia Brasiliense de Letras, que presidiu. Fundou e presidiu o Clube de Poesia de Brasília, depois Clube de Poesia e Crítica. Aqui publicou alguns de seus livros. A *Revista de Poesia e Crítica* – vinte números, de 1976 a 1996 – teve nele o principal articulador e mantenedor, sem patrocínio oficial, sem matéria paga, sem assinaturas e sem venda avulsa. Fazia-lhe a diagramação ele mesmo, com tesoura e cola, ainda após o advento do computador. Trabalho de infinita paciência, que realizava com infinito amor. Foi presidente da ANE. Enriqueceu-nos com suas aulas, conferências, artigos e poemas. Seu nome deve ser reverenciado como o de um dos pilares da cultura da nova Capital.

(Resumo de conferência pronunciada na ANE - Associação Nacional de Escritores, em 27.5.2003.)

Romantismo (léxico) - é um substantivo comum para significar "estado de espírito na busca de um ideal". Também quer dizer "estado comportamental de cada pessoa", daí a expressão: "fulano de tal é romântico, sonhador, vive nas nuvens".

Romantismo (definição) - torna-se arte sob o aspecto de criação disciplinada, que se transforma em método de produção literária na linha artística, a arte do belo.

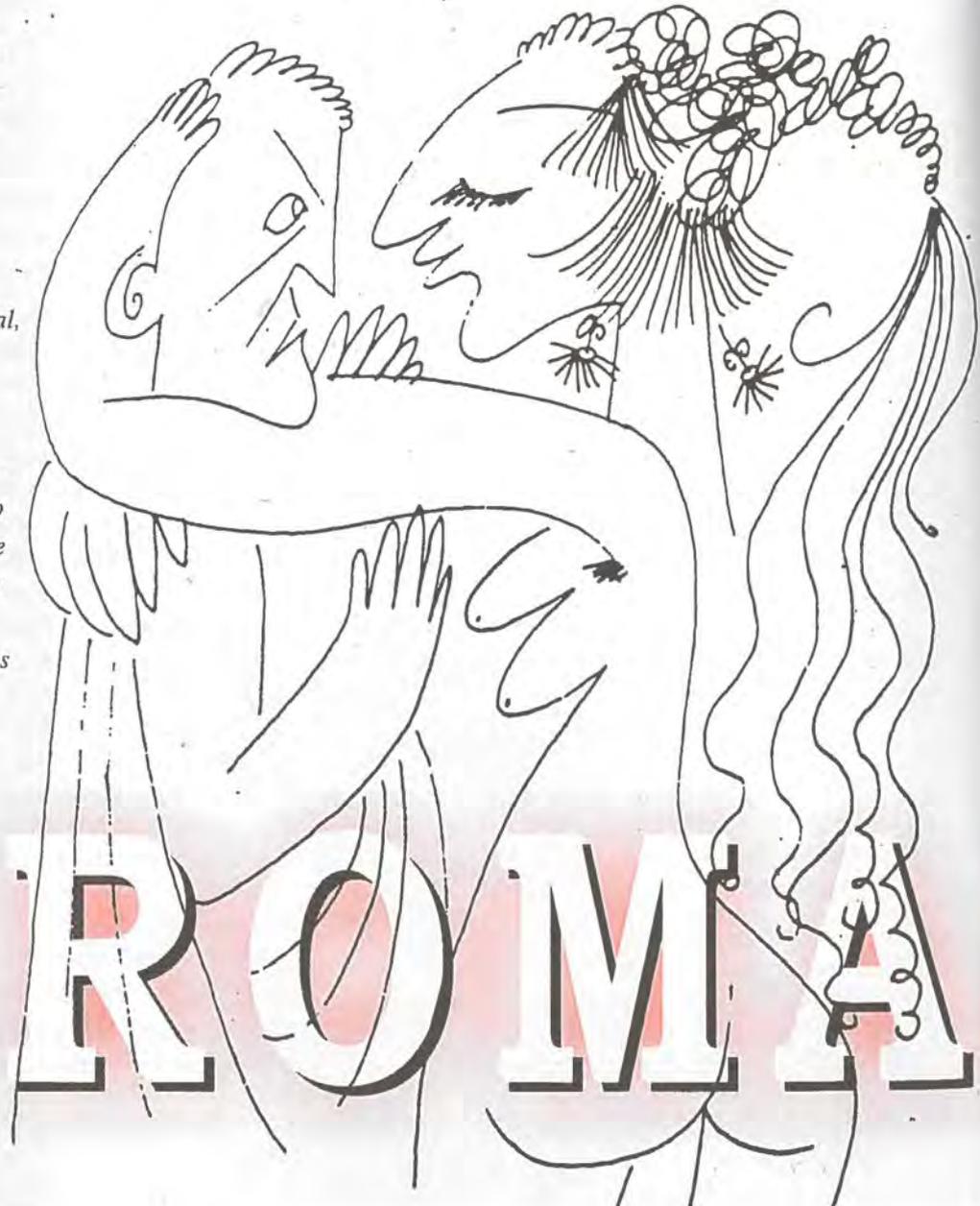
O romântico é parâmetro, exigindo submissão a um conjunto de regras, que se transforma em um padrão cujas obras constituem o Romantismo.

Literatura - Prática da arte do belo, estilo individual e temporal, constituído de método literário próprio.

Romantismo (histórico) - No século XVII, tem início na Alemanha, na França e na Inglaterra, nações cuja população já estava acostumada às tradicionais histórias de amor e de aventuras no romanceiro medieval.

A

ntes, era o Classicismo, o método e a forma de agrupamento das obras literárias, que perdia fôlego para outras maneiras de produção intelectual. No ano de 1781, Warton reconheceu a oposição aos textos clássicos, quando usou os termos "romanesco, romance e romântico", para marcar o início de uma nova era e um outro comportar no jeito de se fazer literatura. Isso aconteceu há 222 anos, tratando-se de um estudo relativamente novo, a significar um conjunto de obras literárias produzidas e lidas ou consumidas dentro de uma quadra de tempo chamada era ou época do Classicismo, do Romantismo, do Modernismo e assim por diante.



A imaginação e o sentimento; a emoção e a sensibilidade substituem a razão, centro de tudo. Este é o processo interligado de passagem de uma época a outra no percurso da história, através do qual fazemos estudos cronológicos, geração após geração.

O Romantismo é chamado, por assim dizer, o estudo de época da literatura, que teve início, culminância, esmaecimento, porém continua em paralelo ao que existia antes e ao que veio depois em relação aos gêneros literários.

A história da literatura registra que o Romantismo, em quarenta e poucos anos, já estava presente nos diversos países da Europa, a partir da França (1822-1824). Rousseau é considerado "o pai do Romantismo", por manifestar o ideal que permitiu criar as condições em que o coração ativa o sentimento de bondade natural. A partir de então é formado um grupo de autores que deram origem à grande escola romântica no continente europeu.

O movimento literário do Romantismo se estabeleceu com Madame de Staël, no ano de 1800, com o livro "De la littérature". Chateaubriand, que escreveu *Le génie du christianism* (*O gênio do cristianismo*), em 1802, e Madame de Staël, em 1810, estabelecem a doutrina (teoria) literária, estética desse novo movimento da literatura; Goethe levou o pensamento romântico artístico para a Alemanha, o qual, em 1825, chegou a Portugal, pela pena de Almeida Garrett, em sua obra intitulada *Camões*.



Madame de Staël, Walter

Scott, Byron, Goethe,

Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Leopardi, Musset, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Mérimée e Balzac, exerceu grandiosa influência nos escritores brasileiros do século XIX, a partir de 1839 e mormente a partir de 1870, com José de Alencar.

IV - Características Próprias - O Romantismo no Brasil assumiu as características enumeradas a seguir:

IV.1) - adaptação dos modelos românticos à sociedade brasileira;

IV.2) - busca do indigenismo e outros temas, para que os romances aqui escritos se tornassem a expressão da nacionalidade;

O Romantismo no Brasil

I - Início - No ano de 1839, Gonçalves de Magalhães publicou a tragédia, *Antonio José*, com a qual se enquadraram nos padrões da literatura romântica, e inaugurou a presença do Romantismo no Brasil.

II - Pré-Romantismo - A literatura brasileira do pré-romantismo era tibatubeante e decadente. O movimento romântico traz vigorosa força artística autoconsciente aos brasileiros que se dedicam ao ofício de escrever e praticar a arte do belo.

III - Influências - A Escola Romântica Européia, formada por Rousseau,

ROMANTISMO

IV.3) - inclusão da linguagem brasileira (*intercomunicação*);

IV.4) - inclusão obrigatória das paisagens físicas e sociais do Brasil;

IV.5) - o resultado do rompimento com o Neoclassicismo foi um Romantismo renovado, que deu autonomia à literatura produzida no Brasil.

V - O Romantismo no Brasil pode ser estudado por blocos de autores, segundo os temas explorados em suas obras:

Nacionalismo - Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde do Araguaia, publicou *Suspiros poéticos e saudades* (1836); e Manuel de Araújo Porto Alegre, Barão de Santo Ângelo, autor do livro *Colombo*.

Indigenismo - Prosadores e poetas procedem à afirmação do nacionalismo e, na versão deles, o indígena é glorificado, torna-se em herói por conviver com os animais nas florestas, sem depender do branco para sobreviver, por ser habitante das terras do Brasil, antes da chegada do descobridor e do colonizador. Este grupo anota, em primeiro lugar, o nome do poeta maranhense Antonio Gonçalves Dias, autor do famoso poema *I-Juca-Pirama* ou *Iucapirama*, épico nacional de exaltação ao índio, e no mesmo tom canta a natureza, pois a maioria dos brasileiros, mais ou menos letrados, recita Gonçalves Dias: *Minha terra tem palmeiras/ Onde canta o sabiá/ As aves que aqui gorjeiam/ Não gorjeiam como lá!*

Em seguida o prosador cearense José de Alencar, por volta de 1870, escreve e publica o romance mais conhecido da literatura brasileira - *Iracema* - e no rastro deste vieram *O guarani* e *Ubirajara* - ambos indigenistas. José de Alencar, o grande teórico e paladino da linguagem brasileira, soube escolher e usar as palavras, tais quais eram ditas no Brasil.

Outros autores, não menos importantes, escreveram romances a respeito da vida do índio patricio.

Intimismo e Tédio - O poeta e o prosador, cada qual fala, subjetivamente, dos seus problemas íntimos, do seu padecer por causa do amor de alguém, da paixão e do sentimento de derrota, de frustração na vida.

Manifesta-se aqui uma miniescola do conhecimento, com este sentimento, e surge o chamado Parnasianismo, por elevar o pensamento para o apuro poético, a perfeição que era a meta do texto.

Aparece no Brasil um grupo de poetas e prosadores jovens, quase sempre alcoólatras e notívagos. Estes a produzir textos queixosos, carregados de tédio, frustração, a aflorar, quase sempre, a idéia fixa da morte prematura, causada pela tuberculose, a doença incurável da época, que ficou conhecida com o nome "mal do século". São estrelas dessa galáxia Álvares de Azevedo, autor da poesia *As primaveras*; Fagundes Varela, que publica *Vozes da América, Cantos e fantasias*.

Inquietação Social - Período da litera-

tura de empolgação pelas campanhas de transformações sociais e políticas, ou seja, pelo abolicionismo da escravidão e pela proclamação da República.

A poesia de Victor Hugo chegou ao novo mundo e influenciou a todos, que passaram a usar linguagem inflamada, rompante, com destacado jogo de imagens. São ideais altivos sobre os vales profundos da sociedade, como o "vôo do condor". Daí o designativo de *condoreirismo* para essa fase da literatura no Brasil e no mundo.

Entre outros, o autor brasileiro destaque para aquele momento foi o poeta Antonio de Castro Alves, que encampou a idéia e a causa abolicionista, com os vigorosos poemas - *Os escravos, Navio negreiro, Espumas flutuantes* -, outros de natureza e assuntos variados, tais como *O livro e a América*. O período termina com intensa empolgação e rica elaboração de metáforas.

Joaquim Maria Machado de Assis, que assinava os textos literários de sua autoria como Machado de Assis, após escrever e publicar livros em versos e em prosa, e romances, juntou-se com outros intelectuais para, em dezembro de 1896, fundar a Academia Brasileira de Letras - ABL, dando vazão ao ideal romântico muito em moda, por aqueles tempos, que era o de serem fundadas academias, em quase todas as partes do mundo. Suas obras mais conhecidas são: *Poesias completas (Crisálidas)* e os romances *A mão e a luva, Helena, Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, D. Casmurro*, entre outros.

Machado de Assis foi um dos principais organizadores do pensamento e ordenadores das formas de produção intelectual em nossa Pátria.

O Romantismo no Brasil continuou por todas as formas possíveis de produção de textos orais e escritos apresentados no tobogã da literatura brasileira depois de ter ocorrido a Libertação dos Escravos (1888), a Proclamação da Repúbli-

ca (1889), a pacífica delimitação das fronteiras do país e a plena conquista de seu litoral. Nas duas primeiras décadas dos anos noventa, o romance parecia estar perdendo força e merecia um revigoramento ou então cedia espaço a outra escola literária para marcar época.

Em 1922, realizou-se na capital do Estado de São Paulo a Semana de Arte Moderna, na qual surgiram mudanças de métodos e técnicas novas, mais liberais, e a volta aos

temas nacionalistas, principalmente a partir do Regionalismo, o que resultou no revigoramento do Romantismo, que reconhecia o território nacional a partir da vida na cidade e no sertão em cada uma das cinco regiões brasileiras. Com os livros *Paulicéia desvairada* e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, estava fundado o Modernismo entre nós, e romances continuaram a ser produzidos em prosa e verso. A primeira fase do Modernismo permitiu o aparecimento de grupos li-

terários hegemônicos nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, ao passo que no Norte e no Centro-Oeste, embora aparecessem bons escritores, eles se agruparam e perderam a expressão no individualismo, com poucas chances no parque editorial litorâneo de publicar e fazer circular seus livros.

Deixamos de tratar do Romantismo na Região Centro-Oeste, para não espichar muito a conversa, mas prometemos voltar para falarmos sobre o assunto.

em Brasília

O Romantismo, desde que foi inventado, não mais deixou de existir, virar história, novela e, depois de atingir o apogeu como estilo de produção literária de época, adotado em ciclo absoluto, a partir de 1781, até 1890, passou à forma de substrato nas literaturas de todos os tempos e de todos os povos, em todas as partes do mundo.

A partir de 1792, falou-se muito de uma nova capital no interior do Brasil, de onde o país, longe do perigo de invasão do dominador estrangeiro, seria governado com equidade para os seus concidadãos em todos os quadrantes da Federação. Da *Inconfidência Mineira* (Tiradentes) até 1956, período de intensa propaganda mudancista, até o início da construção de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960 com a mudança dos Poderes da República para a Praça dos Três Poderes, não se tem notícia de alguém que tenha escrito um romance a respeito da nova capital do Brasil. Foram escritos, sim, muitos artigos, poemas, contos e ensaios históricos sobre o assunto. Paulo Dantas publicou o romance intitulado *O lobo do Planalto*, inspirado nos feitos do engenheiro Bernardo Sayão, um dos pioneiros

mais carismáticos entre os diretores da Companhia Urbanizadora da Nova Capital - Novacap -, encarregado de demarcar o território do Distrito Federal e, dentro dele, o Plano Piloto de Brasília.

Por falar em estado de espírito, o Romantismo modernista se manifestou de modo esplendoroso no urbanismo arrojado de Lúcio Costa e na arquitetura revolucionária de Oscar Niemeyer, na concepção, traçado e concretização dos setores administrativos e residenciais do Plano Piloto,

que nos convidam a refletir a respeito do humanismo que evoca esta urbe.

Quanto aos autores brasilienses, temos o grupo de membros da Academia de Letras e Artes do Planalto, sediada em Luziânia, que, desde



1922, lideravam a propaganda mudancista. José Dilermundo Meireles, um dos mais novos deles, publicou a obra inaugural *Apologia de Brasília* em 1960. Também merece destaque o romance intitulado *Amanhece* (1966) do mineiro Alan Viggiano.

As crônicas enfeitadas em livros pelo pioneiro Clemente Luz, que, estabelecido na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, escreveu e publicou *Invenção da cidade* (1968) e *Minivida* (1972); o goiano Salomão Sousa traz a lume *A moenda dos dias* (1979) e a antologia *Em canto cerrado*, versos inspirados na vida dos residentes no Plano Piloto e nas cidades-satélites.

Merece destaque o historiador José Adirson de Vasconcelos, autor de 28 livros que narram a história de Brasília, todos documentados e de muito interesse para os leitores. Recomendamos *A mudança da Capital/Brasília* e *A epopéia da construção de Brasília* por serem de suma importância e por sua leitura carregada de emoções.

Nas décadas de sessenta e setenta surgiram muitas coletâneas de prosa e poesia, textos carregados de romantismo. Inaugura esse período o poeta Joanyr de Oliveira com uma coletânea sob o título de *Poesia dos poetas de Brasília, Os 21 de Brasília e Mãe, Poesia*, entre outras, organizadas e publicadas pela poetisa Maria de Lourdes Reis, da Casa do Poeta Brasileiro - Seção de Brasília. O jovem advogado Napoleão Valadares organizou e publicou a coletânea *Planalto em poesia* (1987); também é de sua lavra o romance *Urucuia* (1990), cuja trama se desenrola em torno do tema da construção de Brasília. A Editora Showgun, do Rio de Janeiro, reuniu um grupo de poetas da nova capital federal e editou suas poesias com o título *Showgun Arte*, tendo aparecido grande quantidade de poemas românticos a respeito de Brasília. Por fim, Ronaldo Alves

Mousinho administrou a coletânea de poemas românticos *Os 36 de Brasília ou Brasília 36 Anos*, por ocasião do trigésimo sexto aniversário da cidade.

Apesar do aspecto histórico e documental que a emoção provoca no leitor, são considerados romances históricos, por terem abordagens ensaísticas, os livros *A marcha do amanhecer*, *Meu caminho para Brasília* e *Por que construí Brasília*, de autoria do fundador e construtor de Brasília, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Na última década do século XX, foi reforçado o ciclo do Romantismo em Brasília, tendo destaque o dia 20 de novembro de 1991, quando foi feito o primeiro lançamento de livro no auditório da Câmara Legislativa do

Distrito Federal, com o romance histórico mais conhecido e mais lido em Brasília - *Verdes campinas* - de nossa lavra, que estuda e divulga muito do folclore e da vida na povoação do Planalto Central Brasileiro, período de 1500 a 1800, primeiro volume.

A seguir citaremos autores cujas obras merecem referências; são eles: *Amigos do peito verde* e *As trincheiras*, de autoria de José Ferreira Simões, que assina J. Simões; *O basta*, de André Ferreira, muito divulgado e consumido pela simbologia da mão, em posição de mandar parar estampada na capa, e por seu conteúdo registrar a mudança social provocada no país, depois da consolidação de Brasília. Além de uma infinidade de trovas e muitos poemas avulsos, Newton Rossi publicou o livro *Alma da rua*, prenhe de romantismo poético-literário; Margarida Drumond de Assis veio de Minas Gerais, trazendo os romances *Aconteceu no cárcere* e *No assento dos bondes*; aliás, até o presente, Margarida é quem melhor descreve o almoçar nos restaurantes das entrequadras e a própria rua de comércio, cena muito presente no dia-a-dia de Brasília.

Brasília tem cerca de 16 entidades literárias, entre associações, sindicato e academias de letras.

Em um levantamento feito pelos membros do Projeto Brasília Literária 2000, da Academia Taguatinguense de Letras, foram contados cerca de mil e duzentos escritores que têm livros publicados no Distrito Federal, isto é, nas cidades-satélites e no Plano Piloto.

Para concluir, procuramos estudar o Romantismo desde suas origens (1782), até nossos dias (2003), em todo o mundo ocidental.

E a linha do Romantismo continuará como um substrato permeado nos outros tipos de manifestações literárias não românticas. O romance nunca desaparecerá, porque é a própria manifestação da vida em todas as facetas.



Jung

e a morte adiada

□ PAULO SOUZA

Estava fazendo um passeio vespertino pelo centro da cidade, quando cheguei a um local pouco ecológico, um sebo de livros. Sei que ali é um "cemitério de árvores", mas sempre que adentro no santuário agradeço aos vegetais pelo prazer que nos proporcionam após a sua morte.

Arregacei as mangas para iniciar a gloriosa tarefa de garimpeiro. Normalmente passo pela peneira centenas de "grãos de areia" para, no último instante, deparar com uma pepita - um livro não lido e já com sua edição esgotada. Subi no banquinho "macetoso" da livraria e comecei a vasculhar a última prateleira. De repente, como que saltando no espaço, caiu um livro. Olhando do alto do banquinho, vi, pela cor da capa, que era o livro de C. G. Jung, *Memórias, sonhos, reflexões*; desci e completei a identificação do quase suicida: Rio, Nova Fronteira, 1978. Ele caiu com a lombada para cima e, conseqüentemente, aberto em alguma página. Ao olhar curioso para a página ofertada, deparei com o capítulo "Visões". Ali mesmo, comecei a releitura daquela narrativa, certamente uma fase muito crucial na vida de Jung. É claro, levei aquele exemplar para casa; nunca deixo de atender as súplicas de um livro já velho, vivido e, até de certo modo, muito oferecido.

No mesmo dia estava ao telefone com o Fernando Rocha Nobre, quando ouvi a sugestão para escrever um artigo no jornal "Sonhos". Não tive dúvidas, o artigo seria sobre o capítulo "Visões", e aqui estou eu, prestando esta singela homenagem ao mestre Carlos Gustavo.

Convoco os leitores a uma lida ou relida no referido capítulo; assim, vão saborear a narrativa na pena do próprio Jung. Nesse ínterim, apresento um resumo do capítulo com destaque para alguns aspectos das visões ali narradas.

Jung adoeceu gravemente (provavelmente um infarto agudo do miocárdio) logo após uma queda, ocorrida em 26 de janeiro de 1944; escorregou na calçada com neve transformada em gelo, na velha Zúrich. Jung nasceu em 26 de julho de 1875, portanto, estava, na época, com 68 anos.

A princípio, a queda não provocou o infarto, parece que foram dois avisos do inconsciente, primeiro um menor e o outro maior, logo em seguida.

De acordo com sua narrativa, a lesão cardíaca



foi extensa e resultou em longo tempo de internação. Jung nos conta que dois dos medicamentos que tomou foram: o oxigênio e a cânfora. O oxigênio continua em voga, mas a cânfora foi abandonada nesse tipo de tratamento. A cânfora é anestésica e estimulante da respiração; provavelmente, a lesão cardíaca provocou uma insuficiência do coração e também um edema pulmonar. Acontece que um dos efeitos da cânfora é estimular o sistema nervoso central, podendo ter facilitado o aparecimento das "Visões" de Jung. Num estado de coma superficial ou torpor, começou a ter uma série de visões que ficaram marcadas em sua lembrança. Felizmente, a narrativa das visões e sensações desses 21 dias que passou relutando para viver foi preservada nas suas *Memórias*.

Sua narrativa começa no espaço, de onde olhava para a Terra, como que se despedindo dela. Jung tinha a idéia de estar se afastando deste mundo e da sua vida terrena. Nessa visão do espaço sideral, encontrava-se suspenso a, mais ou menos, 1.500 km da Terra e, de lá, apreciava o nosso planeta azul. Via o Ceilão aos seus pés e a Índia bem a sua frente; para a esquerda, podia vislumbrar um pedaço do Mediterrâneo. No espaço a sua direita, percebeu um enorme bloco de granizo com um templo escavado nele.

O templo, ele comparou com o que visitou no Ceilão, na cidade de Kandy, chamado "Templo do Dente Sagrado", onde está o dente de Buddha. Uma lenda diz que o dente de Siddharta Gautama foi retirado da pira funerária e conservado como a única relíquia do corpo que o Avatar usou na terra. O *templum*, para os romanos, era o espaço sagrado em forma de quadrilátero onde se observava o vôo dos pássaros e era feita uma leitura do futuro. Nesse templo com características india-

nas, Jung ia receber seus auspícios. Lá, ia perder parte de seus conhecimentos adquiridos na vida terrena, mas também receber informações de sua existência maior.

Dirigiu-se para o templo como que voando. Quando estava pronto a entrar e talvez largar de vez o seu corpo, seu médico atendente – doutor Theodor Hämmerli –, vindo da Terra, se dirigia para ele. Ele não estava com suas roupas próprias do século XX, mas vestido como Basileus de Cós. Sabemos que Hipócrates, considerado o pai da medicina, nasceu na ilha de Cós e era tido como um rei (Basileu é o termo grego para rei). Dizem que aprendeu medicina com o próprio deus Asclépio, filho de Apolo. Portanto, o médico encarnava o poder curativo original ou primitivo que todo médico tem ou deveria ter. O médico veio com um recado: ele deveria voltar! Na Terra protestavam contra sua partida, não queriam que ele morresse tão cedo. Lembremos que Jung morreu em 6 de junho de 1961, 17 anos após esse episódio.

Percebeu então que a visão do médico na forma primária significava que a morte dele estava próxima e seria no seu lugar. Quando começou

a recuperar-se e sair do torpor – possivelmente parou de tomar cânfora –, Jung tentou avisar seu médico do perigo que corria. É claro que o médico não deu muita importância às colocações de Jung, mesmo sendo ele já famoso naquela época.

Resultou daí que, em 4 de abril de 1944, Jung sentou-se na cama pela primeira vez e nesse dia seu médico deitou no seu leito, com septicemia, e de lá não levantou, vindo a morrer.

Depois dessa visão, Jung ainda ficou três semanas para decidir voltar à vida. Achava que chegara bem perto de uma transformação e queria ver o interior daquele templo.

Dizer que alguém morreu no nosso lugar é um tanto subjetivo, mas a vida é subjetiva e objetivo é o nosso inconsciente. No mínimo foi uma grande coincidência, como diria qualquer um, ou uma sincronicidade, como diria Jung. Podemos entender esses acontecimentos como uma mensagem do inconsciente, como um sonho ou aceitar como um fato ocorrido realmente. Os mais céticos diriam que Jung ainda tinha em mente a recordação de sua viagem iniciada em dezembro de 1937 e encerrada em fevereiro de 1938, portanto seis anos antes do acontecimento. Nessa viagem esteve na Índia e depois no Ceilão, atual Sri Lanka. O capítulo do livro trata de outras visões, mas essa com certeza é a mais contundente.

Comecei a pensar na "morte adiada" de Jung e a imaginar se teríamos outros exemplos na expressão artística. A morte já é um fato irrevogável que suscita nossa imaginação e nossa atenção; revi na memória acontecimentos e relatos que poderiam ser no mínimo parecidos com o de Jung. De pronto lembrei-me do gatinho Willie e faço um resumo para vocês.

No magnífico livro de Albert Kreinheder, *Conversando com a doença – um diálogo de corpo e alma*, São Paulo, Summus, 1993, o autor



começa o livro com a morte do seu gato Willie, que, diz, morreu em seu lugar. Ele conta que ainda estava no hospital, após ter feito uma cirurgia exploratória abdominal para avaliar a extensão de um melanoma, quando recebeu o telefonema de sua esposa avisando que o gato tinha morrido. Murmurou, como para si mesmo: – “Oh, meu Deus, aqui estou eu vivo e Willie, morto. Estou vivo porque Willie está morto. Ele morreu para que eu pudesse viver”.

Pela lógica aristotélica, coincidentemente ocorreu a morte de um ser com a melhora de outro, mas temos as palavras do autor afirmando que um membro da sua família deveria morrer, e o gato era o mais generoso. Isso é semelhante à história de Admeto (que contarei adiante), onde a figura mais nobre foi sua mulher Alceste, que se dispôs a morrer por ele em nome da melhor educação para os filhos. No caso de Jung, não temos muita informação sobre a generosidade ou a nobreza do seu médico, mas também não temos nada que desabone sua conduta.

Albert segue pelo livro narrando sua luta com três doenças importantes que ocorreram na sua vida. A última doença, o câncer, o levou em 1990, quando tinha 76 anos. Deixou-nos as palavras de seu mestre Kieffer Frantz, no capítulo “O guia espiritual”: “O objetivo da cura não é permanecer vivo, mas sim caminhar em direção à plenitude. A morte é a cura final”.

Na área cinematográfica encontramos o bellissimo filme, *Encontro marcado* (Meet Joe Black), de Martin Brest, 1998. O filme começa com o milionário Bill Parrish (Anthony Hopkins) acordando – no meio da noite – de um sonho onde tinha ouvido uma voz que dizia: – “Sim”. Lava o rosto e a voz continua a dizer: – “Sim”.

Pela manhã, sua filha mais velha, Allison, está preparando sua festa de



aniversário de 65 anos. Bill sai para seu escritório com sua filha caçula, Susan (Claire Forlani), e aconselha-a a escolher um namorado que a arrebate, pois não tem sentido viver sem amor, sem paixão. Chega a afirmar que tem de acontecer algo extraordinário e diz: – “O céu pode se abrir para você”.

A cena corta para uma lanchonete onde o jovem interpretado por Brad Pitt conhece Susan e ocorre uma paixão recíproca. Logo após a despedida do casal, a morte provoca um atropelamento e toma o corpo do jovem.

Na hora do jantar da família Parrish, a morte, no corpo do jovem, aparece. A morte explica, reservadamente, a sua intenção de levar Bill, declarando-se disposta a lhe conceder alguns dias de vida em troca de ficar na sua casa e conhecer o mundo num corpo mortal. Afirma que escolheu Bill devido à sua paixão pela vida.

Quando Bill pergunta por que ouvia a palavra “Sim”, a morte afirma que respondia à questão dele e de todos nós: “Eu vou morrer?”.

O filme é muito bem conduzido e correm algumas histórias paralelas que fogem ao tema do artigo. Vale citar a cena da morte (no corpo do Brad Pitt) no hospital conversando com uma senhora de idade, muito humilde, que está para morrer. Ela

reconhece a morte, e acha que ela está ali para buscá-la, é esse o seu desejo.

Com o desenrolar do filme, Susan se apaixona pela morte no corpo do jovem e a morte se apaixona por ela.

Num segundo encontro da morte com a velha, ainda no hospital, é a velha senhora que ajuda a morte a entender os fatos; de certa maneira, convence a morte a alterar sua postura perante o amor a uma mortal.

– Me leva e vem comigo!, diz a velha para uma morte conflitada.

– Aqui também estamos sozinhos!, afirma a velha, quando a morte quer justificar o rapto do seu amor, pela necessidade de ter uma companhia.

No final, temos a grande festa. Bill está conformado com a sua ida e aproveita a presença da morte para desmascarar um dos seus sócios que o está passando para trás. Muito sugestivo que a morte se faça passar por um funcionário da Receita Federal, um fiscal do imposto de renda.

A morte está disposta a levar Susan consigo, tal como Hades, quando raptou Perséfone, filha de Deméter; só que percebe que Susan tinha se apaixonado pelo corpo que ela usava. A morte não abre mão de levar Bill, mas devolve o corpo para a alma do jovem que era o amor de Susan. Quando o amor é verdadeiro, preferimos ficar longe da amada, desde que ela fique bem. Numa conversa entre Bill e a morte, ele afirma: – “O amor não pode causar dano ao amado!”

Para o nosso trabalho, devemos realçar que a morte não perdoa Bill, mas prolonga a vida do jovem para satisfazer a bem-amada. A cena final é bellissima. Numa colina perto da casa, a morte vai andando com Bill e desaparece numa ponte convexa. Susan dá alguns passos em direção à ponte vazia. De repente, o jovem começa a surgir na parte ascendente da ponte como que sendo reconstruído aos poucos da cabeça

até aos pés. É sutil a colocação final: seu corpo já conhece a namorada, mas a sua alma esteve ausente.

No final todos ganharam. Bill ficou com alguns dias e, principalmente, pôde se preparar para o inevitável, morrer. O jovem que já tinha morrido obteve sua vida de volta; e, talvez, quem aproveitou toda essa experiência foi a morte. A morte chega a lacrimejar e diz para Bill: - Obrigado pelo tempo que você me proporcionou. Bill retruca e diz: - É... é difícil largar isso tudo.

Procurando pela "morte adiada" na expressão musical, tive a ajuda de João Carlos Taveira, que sugeriu o drama *Rigoletto*. Giuseppe Verdi (1813-1901) escreveu uma ópera trágica que levou o nome final de *Rigoletto*, tirado de um dos seus personagens. A ópera é baseada na história de Victor Marie Hugo, chamada *O rei se diverte*. O drama de Hugo era ambientado na corte de Francisco I de França e a censura da época não aprovou a história numa corte real.

O Duque de Mântua, personagem principal, é um homem sem escrúpulo que vive de romances furtivos com todas as damas ao seu alcance. *Rigoletto* é o seu bufão, que pega uma carona na sua empáfia e vive debochando dos maridos e pais de esposas e filhas seduzidas. Um desses pais inconformados, o Conde de Monterone, roga uma maldição contra *Rigoletto*, pois sabe que ele tem uma jovem filha chamada Gilda.

A filha de *Rigoletto* leva uma vida reprimida pelo pai e, numa rara saída para a missa, acaba enamorando-se do Duque de Mântua. É claro que ela cai "nas malhas" do duque e *Rigoletto* fica transtornado. Resolve, então, matar o duque e contrata um assassino profissional, Sparafucile. Esquece - ou não quer ver - que a filha está apaixonada pelo duque e



não avalia bem a situação como um todo. Quando o duque está para ser morto, a facadas, no quarto de uma estalagem, Gilda, sem ninguém saber, toma seu lugar e morre pelo seu amado. Quando *Rigoletto* recebe um saco fechado imaginando que seria o corpo do duque, ao abri-lo, vê a filha morrendo toda ensangüentada. Daí, entende que a maldição funcionou; o duque continuava vivo...

Aqui temos a sobrevida de uma pessoa sem virtudes. Podemos pensar: seu mérito foi despertar o amor carnal na jovem e a sua morte pode ter sido uma libertação do jugo do pai. Toda jovem um dia vai se iniciar sexualmente... será que temos a pretensão de saber quem é melhor para nossa filha?

Quando falava com o Taveira ao telefone, sua esposa Aglaia Souza se interessou muito pelo tema da "morte adiada". Como estava compondo um livro de contos, pegou na caneta e escreveu *O anjo da morte*. O conto é inédito, pois ainda vai ser editado no livro que sairá no final do ano,

mas ela me autorizou a citá-lo.

O anjo *Ileleliah* vem à Terra para levar a alma de uma camponesa que vivia sozinha numa chácara muito simples. Lá chegando, encontra uma velhinha vivendo muito feliz com a vida que Deus lhe deu. Conversando um pouco, ele percebe que, embora cega, ela enxerga mais do que ele, um anjo e imortal. Pede, em seguida, para ficar no seu lugar e promete-lhe uma vida de imortal, provavelmente um lugar no Olimpo ao lado de Zeus. Ela aceita. O anjo começa sua vida de mortal e a senhora prolonga sua vida pela eternidade.

O conto acaba e não ficamos sabendo se a velha senhora também não vai enjoar - da imortalidade e trocar de lugar com outro mortal. Se isso acontecer, com certeza ela ganhou mais um tempo de vida.

Aprendemos muito com os arquétipos - os deuses; e, com certeza, os deuses também aprendem muito conosco, portanto, com o decorrer dos tempos os deuses se transformam. Talvez por isso eles estão nos dando um tempo de vida maior. É claro que os cientistas vão dizer que a média de vida aumentou com o evoluir das ciências de um modo geral e, talvez, principalmente da medicina. Podemos lembrar a eles que a medicina - quase que somente - evoluiu no diagnóstico, e que remédio, se fosse bom, chamava-se curativo... Remédio não cura, só remedia...

No âmbito dos Contos de Fadas encontramos vários com o tema morte adiada, mas é nas mãos de Jacob e Wilhelm Grimm que o assunto adquiriu notoriedade. Os irmãos Grimm coletaram uma história muito rica: "Madrinha Morte". Um homem tinha 12 filhos e ainda lhe nasceu o décimo terceiro. Muito preocupado com o futuro do filho, saiu pela estrada para arranjar um bom padrinho. Encontrou Deus e recusou

dar-lhe como afilhado o menino. Depois encontrou o Diabo e também o recusou para padrinho. Então veio a morte, e ele lhe entregou o filho para batizar.

A morte transformou o afilhado num grande médico, ensinou-lhe a mexer com ervas e sempre aparecia quando ele visitava um paciente. Se ficasse na cabeceira da cama, o doente seria salvo com as ervas; se ficasse nos pés do leito, o doente seria levado pela madrinha. Quando, numa noite, atendia ao rei, viu a morte aos pés da cama; então ficou muito aflito, pois iria perder o seu rei para a morte. Maquinou um meio de enganá-la... Inverteu o nobre paciente na cama, mas a morte não gostou nada e repreendeu o afilhado.

Mais tarde, a princesa caiu doente e a morte de novo estava nos pés da cama. O médico, enamorado da jovem, de novo inverteu a posição na cama e ela se salvou. Só que, desta vez, a morte pegou o afilhado pelo braço e levou-o para debaixo da terra. Lá, o médico encontrou uma infinidade de velas, umas se apagavam e outras se acendiam. A morte mostrou uma vela se apagando e disse que era a vida do médico. Ele implorou para acender outra vela na dele, mas a madrinha não perdoou e levou o afilhado.

A morte tolerou a rebeldia por uma vez, mas não tolerou por duas. O médico teve sua morte adiada uma vez pelo amor ao seu rei, mas não a teve adiada pelo amor pessoal à princesa. Na realidade, o rei e a princesa tiveram sua morte adiada pelo esforço angustiado de um médico que achava que podia sobrepujar a morte, pelo simples fato de ela ser da sua intimidade.

Na mitologia encontramos bastante material envolvendo a morte e o prolongamento da vida. Um personagem muito interessante chama-se Sísifo (filho de Éolo e Enarete), que também teve a vida prolongada. Ele não possuía

grandes virtudes, mas era tido como muito esperto, um malandro que vivia de enganar os outros e não se deixava enganar.

Sísifo era rei de Corinto, anteriormente chamada Éfiro, por ele construída. Casou-se com Mérope, uma das sete Plêiades, tendo com ela um filho, Glauco.

Certa vez, sobrevoou a sua cidade uma grande águia que levava nas garras uma jovem. Ele reconheceu a jovem Egina, filha de Asopo, um deus-río, e viu, na águia, uma das metamorfoses de Zeus. Mais tarde, o velho Asopo veio perguntar-lhe se sabia do rapto de sua filha e qual seria seu destino. Sísifo logo fez um acordo: em troca de uma fonte de água para sua cidade ele contaria o paradeiro da jovem. O acordo foi feito; a fonte presenteada recebeu o nome de Pirene e foi consagrada às Musas.

Desconfiado de que Zeus mandaria a morte no seu encalço, pediu a sua mulher que, caso ele morresse, ela não realizasse os funerais. Assim aconteceu, e quando Sísifo chegou ao Hades, logo foi notado que seu funeral não tinha sido feito. Então ele pediu autorização para voltar e reclamar com a esposa. De fato foi liberado, mas não voltou ao Hades conforme o combinado.

Passados alguns anos, morreu de velhice e sua alma foi para o Hades. Como castigo pelo golpe aplicado, recebeu uma ocupação constante: ficar rolando uma pedra colina acima; quando a pedra estava quase no topo, escorregava de suas mãos e voltava para o pé do monte. Sísifo

foi considerado um grande rebelde e teve um castigo, juntamente com Prometeu, Titio, Tântalo e Ixíon.

Sísifo acabou sendo conhecido por executar um trabalho rotineiro e cansativo. Por vezes esquecemos que este trabalho foi um castigo para mostrar-lhe que não temos liberdade como os deuses. Temos, no máximo, a liberdade de escolher a quem ficar presos. Devemos, pois, nos concentrar na vida cotidiana e vivê-la na sua plenitude, sendo criativos na repetição e na monotonia.

Outra história de morte adiada, encontrada na mitologia, é a de Báucis e seu esposo Filêmon.

Nas montanhas da Frígia, na Ásia menor, havia um carvalho e uma tília que nasciam de um mesmo tronco. Conta Ovídio que Zeus era o protetor dos viajantes e da hospitalidade dispensada a esses. Um belo dia, Zeus pegou Hermes pelo braço e, disfarçados em viajantes cansados e famintos, vieram para a Terra inspecionar e testar a bondade dos humanos. Percorreram toda uma vila, batendo de casa em casa, tanto simples casebres quanto mansões. De todos recebiam a porta na cara e a negativa de comida e hospedagem. Já iam desistindo da procura, quando, no alto da colina, avistaram uma choupana, a mais pobre já vista. Lá chegando, foram recebidos por dois sexagenários que moravam sozinhos.

Os filhos já tinham ido embora, e eles viviam simplesmente, sem grandes ambições. Sem perceber que os viajantes eram dois grandes deuses do Olimpo, mandaram os caminhantes entrarem e serviram o que tinham de melhor. Já no meio da refeição, perceberam que o vinho oferecido não esvaziava na jarra, apesar de já terem bebido bastante. Assustados, caíram de joelhos e pediram desculpas por não terem reconhecido os dois grandes deuses. Zeus sempre magnânimo levantou a senhora, de nome Báucis, e



Hermes fez o mesmo com o senhor, chamado Filêmon. Levaram os dois para fora e lá de cima do monte mostraram-lhes a antiga vila, que agora era uma grande lagoa. O casal piedoso ainda chorou pelos vizinhos, mas logo transformaram choro em espanto, quando sua cabana transformou-se em um reluzente templo.

Zeus afirmou que, além de terem a vida poupada, eles poderiam pedir o que quisessem. Foram para um canto confabular e, após alguns minutos, formularam os seus pedidos: ser os sacerdotes daquele templo e ter a graça de morrerem juntos, para nenhum dos dois sofrer com a ausência do outro.

Assim foi feito... Viveram até quase os 100 anos cuidando do templo e num dia de lindo pôr-do-sol, ao pé da lagoa, viram seus corpos se transformarem em árvores, ele em carvalho e ela numa tília. Só tiveram tempo de sussurrar: - "Até a eternidade, meu grande amor".

Como já havia mencionado, encontramos, no mito de Admeto, a suprema bondade de sua esposa Alceste, que dá a vida pela família. Admeto é um herói grego filho de Feres e rei de Feras, na Tessália. Participou da expedição dos Argonautas - juntamente com seu pai - indo em busca do Tosão de Ouro; Jason era o comandante da frota.

Pélias, rei de Iolco, inventou de dar sua filha Alceste em casamento, somente para quem conseguisse chegar ao seu palácio em um carro puxado por um javali e um leão; possivelmente, para não ter de entregar a filha a ninguém. Acontece que Apolo, muito agradecido pela hospitalidade de Admeto, e sabendo da

paixão dele por Alceste, deu uma mãozinha e atrelou esse carro feroz. Admeto casou com Alceste, mas nos rituais de agradecimento esqueceu-se de homenagear a deusa Afrodite. Logo quem, que só perde em fúria para Hera! Ela, de raiva, encheu o quarto nupcial de serpentes. Mais uma vez, Apolo interferiu, e o casamento se consumou.

Admeto teve dois filhos e vivia feliz. Foi quando Apolo soube pelas Moiras ou Queres que a vida de Admeto seria encurtada. Apolo, mais uma vez, foi o salvador de Admeto, só que desta vez a morte (Tânatos), que na Grécia é masculina, exigiu uma outra alma no lugar de Admeto. Com certeza, o barqueiro Caronte estava de "caixa baixa", porque Asclépio não deixava ninguém morrer.

Admeto saiu em busca de alguém para morrer em seu lugar. Esse pedaço da história é narrado na bela peça teatral de Eurípidés que leva o nome de Alceste, e quem quiser ouvi-la e vê-la, a opção é a ópera de Gluck com o mesmo nome. Admeto procurou entre os servos, e nada. Todos muito dedicados, mas morrer pelo patrão, jamais... Solicitou a seus pais, já velhinhos, e obteve a mesma resposta: eles queriam curtir o restinho de vida. Finalmente, sua esposa Alceste ofereceu-se para ir em seu lugar, e ele aceitou...

Veio a morte da esposa, os funerais, e eis que surge Hércules, amigo e companheiro de jornada no navio Argos. Hércules estava de passagem, pois tinha que realizar o seu Sétimo Trabalho, capturar as Éguas de Diomedes. Encontrou Admeto choroso, mas este não contou que o funeral era da esposa. Na Grécia antiga, a hospitalidade era um assunto muito sério, e o funeral poderia afastar o amigo. Para passar o tempo, Hércules ficou "numa boa", bebendo e comendo em um anexo do palácio. Quando soube da morte de Alceste, ficou muito chateado com a situação e resolveu fazer uma surpresa para o amigo. Foi até o cemitério,

esperou Tânatos chegar para pegar Alceste e se embolou com ele. Acabou vencendo a luta e conseguiu Alceste de volta, entregando-a ao amigo Admeto.

Estamos diante de um homem desesperado com a proximidade da morte e pedindo a todo o mundo que morra em seu lugar. Alceste se ofereceu voluntariamente em prol do bem-estar da família, com grande disposição para o sacrifício total. Em um ato de amor extremo, deu a vida pela família, sendo recompensada - com a vida - por um amor fraterno, proveniente do herói Hércules.

No "Mito de Er", ninguém morreu em seu lugar, mas Er teve sua morte adiada para transmitir conhecimentos aos mortais. Esse mito é narrado por Platão no último capítulo do livro *A República*. Fala sobre os caminhos da alma, desde a morte do corpo até a sua reencarnação. Er era um soldado natural da Panfília, na Ásia Menor, morto em batalha. Passados 10 dias do combate, vieram recolher os restos mortais dos guerreiros e encontraram o corpo de Er intacto e preservado. Resolveram levá-lo para sua terra natal e queimá-lo em pira funerária, como mandavam os costumes da época. No 12º dia de sua morte, para surpresa de todos, ele ressuscitou e disse que os "juizes" assim tinham determinado, para que ele contasse aos mortais o que se passava com as almas quando enfrentavam as Moiras (Cloto, Láquesis e Átropos) e se preparavam para reencarnar.

O mito de Er é muito expressivo e ilustrativo, mas é extenso para ser narrado aqui, fugindo um pouco à linha deste trabalho. O importante para nós, no momento, é o fato de um ser humano (o soldado Er) ter sua vida prolongada para poder trazer uma mensagem às almas encarnadas. Ele foi escolhido para observar tudo o que se passava no "outro mundo" e narrar aqui, no "mundo dos vivos". Um aspecto do amor dos deuses pelos seres humanos é ofe-



recer conhecimentos; na tentativa, sempre constante, de elevar a alma humana para cada vez mais perto do Olimpo.

A data da recuperação de Jung é muito sugestiva, 4/4/44; o número quatro, símbolo da plenitude e da individuação, é repetido por quatro vezes. Poderíamos supor que Jung alcançou sua individuação aos 68 anos de idade. Eu acredito que foi mais um estágio da espiral ascendente da vida humana; o processo de individuação começa, mas não termina; estamos sempre conseguindo um pequeno avanço na nossa jornada espiritual.

Se observarmos os escritos de Jung após 1944, deparamos com uma produção abundante e de peso; cito os livros, deixando de lado os artigos e prefácios: VIII/3 - *Sincronicidade* (1950); IX/2 - *Aion. Estudos sobre o Simbolismo do si-mesmo* (1951); X/1 - *Presente e futuro* (1957); X/4 - *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu* (1958); XI/4 - *Resposta a Jó* (1952); XIV/1 e XIV/2 - *Mysterium coniunctionis* (1954); XVI/2 - *Psicologia da transferência* (1946); *Memórias, sonhos, reflexões* (1961); *O homem e seus símbolos* (1964). Por esta listagem, podemos imaginar que sua morte, em 1944, teria sido uma grande perda para a humanidade. Se aceitarmos que seu médico possa ter morrido em seu lugar, resta saber se vamos ficar comovidos com a morte de um jovem médico ou vamos deixar a hipocrisia de lado e admitir que, entre Theodor e Carl Gustav, ficamos felizes que a sobrevivida tenha sido de Jung.

Depois de tantos acontecimentos de morte adiada, devemos rememorar as visões de Jung para ver o paralelismo com as histórias acima apresentadas. Ao compararmos o episódio de 1944 com as expressões artísticas apresentadas, encontramos várias diferenças, mas me proponho citar as "coincidências".

Observamos o gato Willie, que morreu pelo seu dono. Albert nos

legou um livro que é um marco na história da psicossomática. A morte foi adiada como uma troca, para que Albert pudesse cumprir a missão de narrar sua luta com a doença. Albert demonstrou seu grande amor pela vida.

Depois, no filme *Encontro marcado*, um jovem teve sua vida prolongada pela própria morte, para que ele não deixasse Susan, seu grande amor. A morte provou do amor e soube, por ele, não ser destrutiva.

Na ópera *Rigoletto*, Gilda preferiu morrer pelo seu grande amor. O Duque de Mântua teve sua morte adiada em prol do amor despertado em Gilda e não pelos seus méritos.

No conto "O anjo da morte", leleiah viu uma senhora cega que amava a vida e enxergava com os olhos da alma. Deu sua imortalidade para ela e curtiu um pouco daquele amor pela natureza que só os mortais possuem.

Na história dos irmãos Grimm, o médico já fora advertido pela sua madrinha, mas, por amor à princesa, desafiou a morte e pelo amor morreu, embora antes tenha adquirido um tempo a mais de vida, quando, por amor à profissão, salvou o rei, contrariando pela primeira vez a madrinha morte.

Sísifo era um rei gozador, brincalhão, descontraído e amava a sua ci-

dade, Corinto. Por ela contrariou Zeus, para dar uma fonte de água a seus súditos. Pelo amor à vida, enganou Hades e viveu mais um pouco.

Báucis e Filêmon tinham um grande amor um pelo outro; pela sua hospitalidade e carinho com os deuses, viveram mais um pouco e morreram juntos.

Admeto obteve mais um tempo de vida, dado pela sua esposa, que o amava e amava principalmente a seus filhos. Seu amor era grande o bastante para um sacrifício pela família. O amor da amizade ainda fez com que Hércules trouxesse de volta Alceste, tirando-a das garras da morte.

Pelo amor ao conhecimento, à sabedoria, à "Sophia", os juízes deram mais tempo ao soldado Er, que tinha morrido em batalha.

E Jung, viveu mais 17 anos por amor? Se foi, qual o foco do seu amor? Eu acredito que Jung amou a doação, doou sua alma para o seu mito. Viveu sua vida impulsionada pelo inconsciente. O amor é uma força, um arquétipo, algo que existe a priori, só precisamos admiti-lo e deixá-lo nos invadir, nos tomar, nos possuir. Talvez o amor seja o único arquétipo que, ao nos possuir, não cause doença, nem física, nem psíquica. Talvez o amor seja o arquétipo central, Deus...





Fonte de poesias

Brasília é conhecida por ser a cidade onde surgem talentos para o rock. Mas não pára por aí. Os poetas de Brasília também estão em alta e se destacam no cenário nacional, como **Anderson Braga Horta** e **Newton Rossi** (foto), ambos do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Anderson foi indicado, mais uma vez, como um dos finalistas que concorrem ao famoso prêmio Jabuti, enquanto Newton Rossi foi classificado em 1º lugar com o soneto "Fim da Cavalgada", no Concurso Nacional de Poesia, promovido pela Editora Globo, no Rio de Janeiro.

O escritor mineiro Newton Rossi, há mais de 40 anos residindo em Brasília, iniciou seus estudos nas cidades de Pouso Alegre e Belo Horizonte, onde conheceu Juscelino Kubitschek, de quem tornou-se amigo e colaborador.

Como "homem das letras", trabalhou em diversos jornais, revistas e emissoras de rádio, como redator. Na década de 50, movimentou a literatura

mineira por meio da revista de cultura Acaiaca, dirigida por ele.

Participou de várias instituições, como a Academia de Letras de Belo Horizonte, a Academia de Trovadores do DF, a Associação Nacional de Escritores e o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. A vida literária de Rossi não se resume a isso. Participou também de várias antologias e tem poemas traduzidos em vários idiomas, destacando-se a composição "Oração dos que não sabem rezar", em dez línguas. Entre as atividades que mais marcaram sua obra estão trabalhos históricos sobre Ouro Fino e Pouso Alegre, e os livros *Trovas no caminho* e *Trovas escolhidas*.



Fim da cavalgada

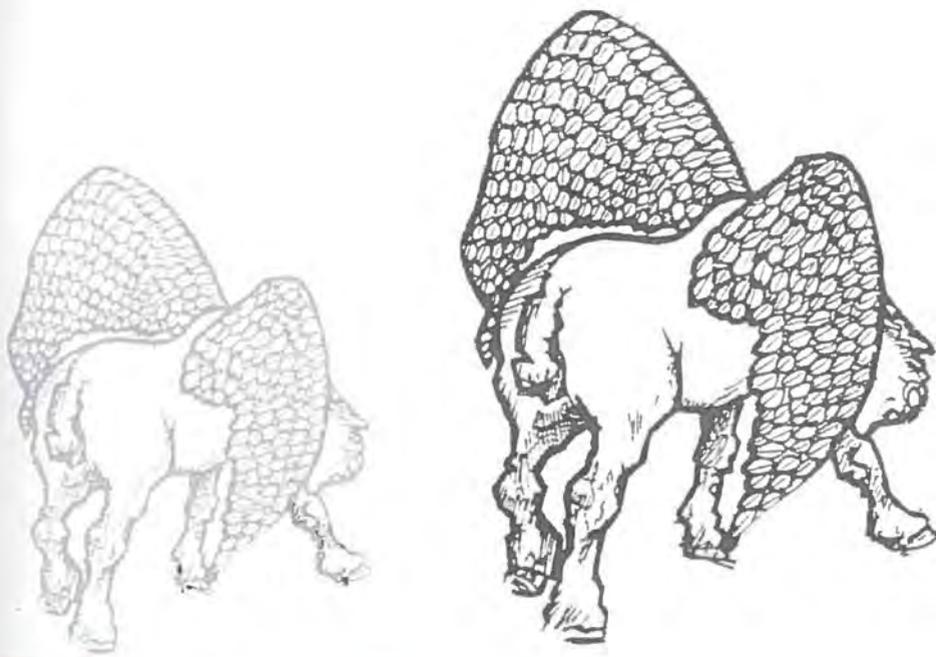
*Eu vou aos poucos, cavalgando a vida,
Corcel fantasioso do destino,
Que é forte e impetuoso na subida
E quando desce, faz do peregrino,*

*Um triste ator de cena repetida.
A galopar feliz, então, me inclino
Ante a esperança que não foi perdida,
Na doce ingenuidade de menino.*

*Alado, o meu cavalo vence o espaço,
Querendo e não sabendo onde chegar,
Até que um dia, farto, em seu cansaço,*

*Sente acabar a estrada que almejou...
E vê, sem mais ninguém a cavalgar,
Que a corrida da vida terminou.*

Newton Rossi



DESCOBRIMENTO

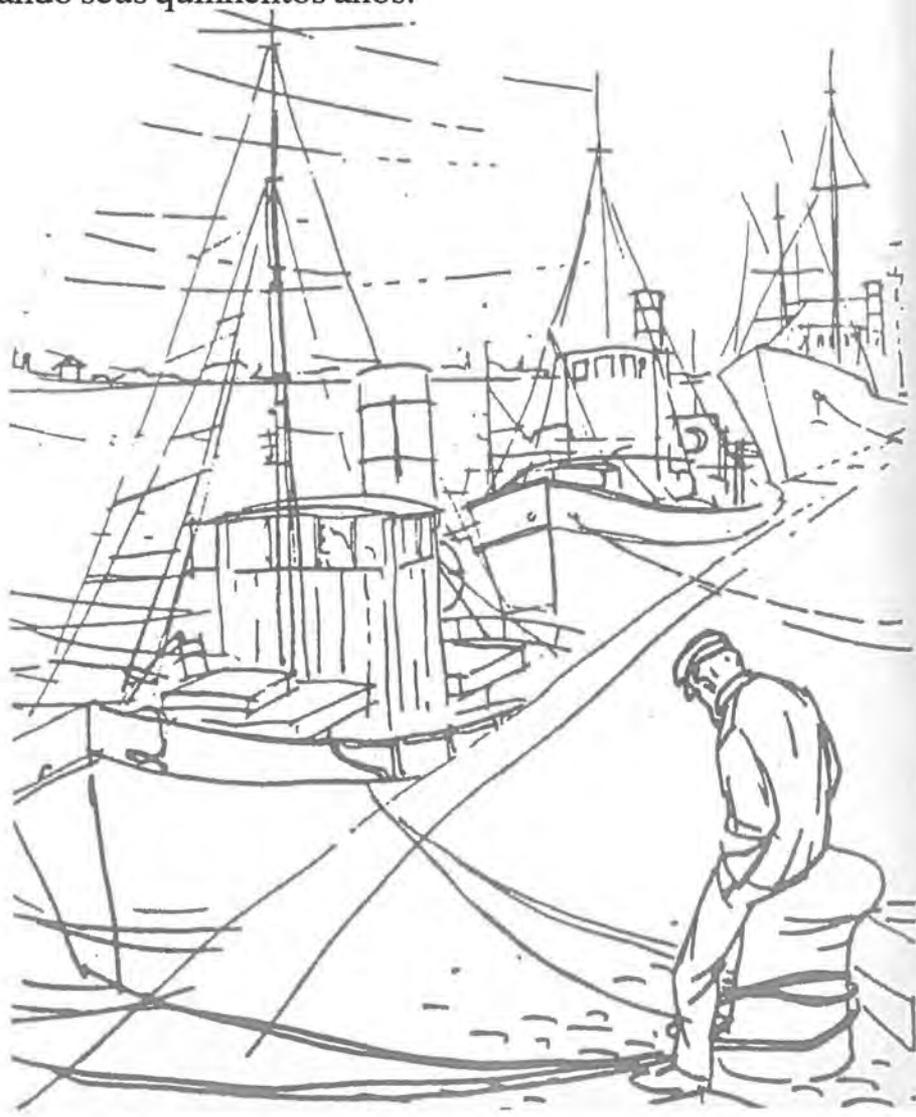
□ HILDEMAR DE A. COSTA

A terra descoberta por Cabral num passado de glória portuguesa, revelava um tamanho sem igual e o capricho da própria Natureza!

Os séculos passaram com total ingresso deste solo de riqueza, se a mudança de raça foi geral, o povo não mudou sua nobreza.

O passado lembrando dependência e o presente buscando na ciência, um futuro talvez, sem desenganos.

É o Brasil caminhando sem regresso nos trilhos infinitos do progresso, comemorando seus quinhentos anos.



Andou como um Duende pelos jardins de Brasília. Assoviou e cantou na madrugada para privilégio dos poucos que ouviram-no.

Solidão em soneto

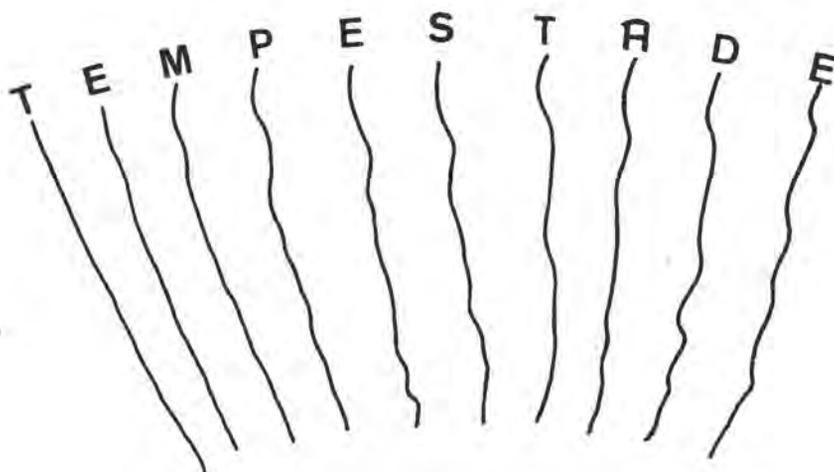
□ RICHARDSON CASTRO

*Solidão é o que sinto agora
Solidão é o que vem depois
Solidão é o final
De mais um que era dois.*

*Solidão é dor mais forte
Inimiga do nosso peito
Vem do Sul ou vem do Norte
Nos deixa assim sem jeito.*

*Mas esta solidão
Que então digo agora
Um dia acabará.*

*Vai trazer como outrora
Sofrimentos ao coração
Que um dia enfim descansará.*



□ P. J. RIBEIRO

Solneto

□ EDGARD TRAJANO

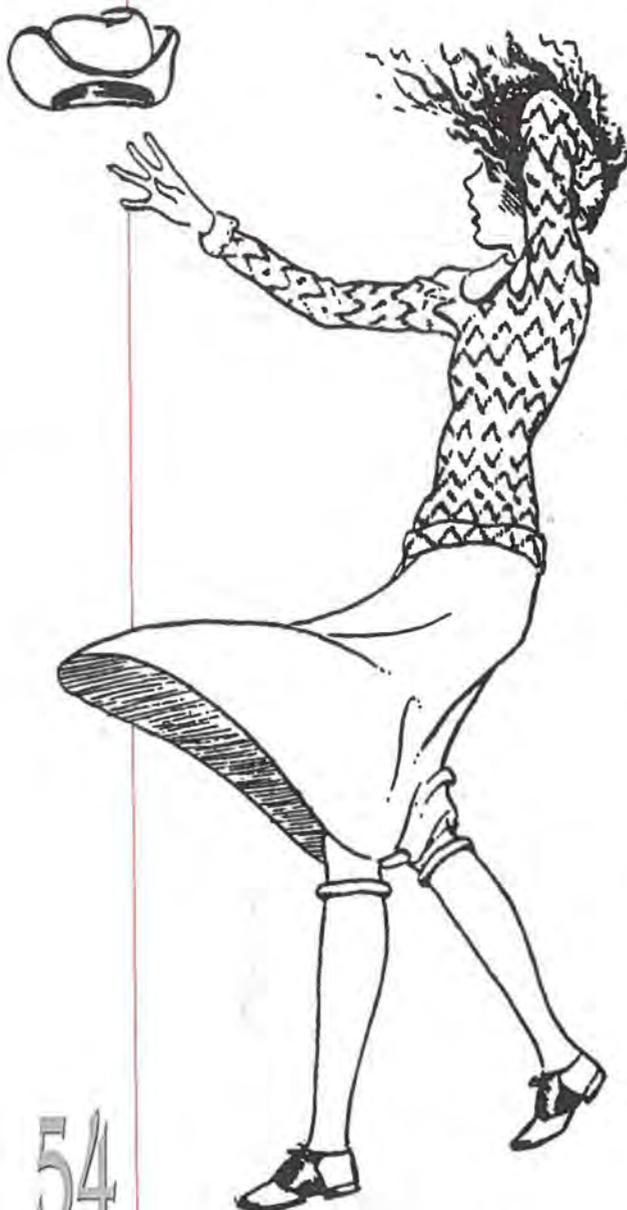
*Àquele que surge no horizonte,
indicando o leste ou nascente;
e seu ocaso, no mar ou monte,
determina o oeste ou poente.*

*Àquele que colore a vida,
espargindo benesses e encanta.
Toda vida a ele é devida,
cuja presença acalanta.*

*Àquele que divide os dias e reparte as estações,
constantes de frias, tépidas e quentes emoções;
também de tempos e paisagens alternantes.*

*Àquele que responde pela luz e calor,
fascinando pelo transcendente fulgor.
E seu nascer reacende esperanças distantes.*

IN CER TE ZAS



Talvez não exista beleza intensa e sondável.
 O mar seja maior
 Que tudo e o véu que encobre o céu também.
 As flores tenham um aroma contrário.
 Deus! Pra tudo há um talvez!
 Não temos certeza de nada, se
 Tudo é tão distante pra se
 Ter certeza de que seremos gerações Eternas.
 São complicados os segundos de cada vida que vaga
 Por estradas e caminhos que não
 Têm um ponto de chegada.
 As palavras enobrecem a alma
 E a fazem ter uma esperança
 De luta sim, talvez algo em vão!
 Os dias se passam e as velas se apagam
 Diante dos nossos olhos
 Sem que possamos ao menos piscar.
 A certeza de algo se repete
 É indecisa não há certeza.
 A face é branda e as dúvidas te cercam
 Todos os lados.
 Temos essa certeza de que tudo passa,
 Tudo acontece e nada acontece por acaso,
 Temos certeza de que um
 Dia a morte virá e fará calar essa alma
 Atormentada pelos deslizes humanos.

Deputados Distritais

Aguinaldo de Jesus - PMDB	348-8070 a 348-8076
Anilcéia Machado - PMDB	348-8180 a 348-8186
Arlete Sampaio - PT	348-8160 a 348-8166
Augusto Carvalho - PPS	348-8030 a 348-8036
Benício Tavares - PMDB	348-8080 a 348-8086
Brunelli - PP	348-8190 a 348-8196
Chico Floresta - PT	348-8120 a 348-8126
Chico Leite - PT	348-8060 a 348-8066
Chico Vigilante - PT	348-8110 a 348-8116
Eliana Pedrosa - PFL	348-8010 a 348-8016
Erika Kokay - PT	348-8090 a 348-8096
Eurides Brito - PMDB	348-8220 a 348-8226
Expedito Bandeira - PMDB	348-8050 a 348-8056
Fábio Barcellos - PFL	348-8040 a 348-8046
Gim Argello - PMDB	348-8150 a 348-8156
Ivelise Longhi - PMDB	348-8130 a 348-8136
Jorge Cauhy - PFL	348-8140 a 348-8146
José Edmar - PMDB	348-8240 a 348-8246
Odilon Aires - PMDB	348-8200 a 348-8206
Paulo Tadeu - PT	348-8020 a 348-8026
Pedro Passos - PMDB	348-8210 a 348-8216
Peniel Pacheco - PSB	348-8170 a 348-8176
Vigão - PP	348-8100 a 348-8106
Wilson Lima - PMDB	348-8230 a 348-8236

Redação

Fone:
(61) 348-8959

Fax:
(61) 348-8413

E-mail:
df-letras@cl.df.gov.br

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural - CEP 70086-900 - Brasília-DF - Fone: (61) 348-8000

Fotos Silvio Abdon

